À guisa de Apresentação

Por ocasião das festividades do 1º Centenário do nascimento de Cristino Castro, realizadas poriniciativa da Prefeitura do Município que tem o seu nome, no sul do Estado do Piauí, constou da programação elaborada um concurso sobre a vida do homenageado promovido entre os alunos das escolas locais. O objetivo parecia claro: resgatar a memória da Cidade e difundir os fatos a ela pertinentes, buscando, por essa forma, suprir uma falta que se verifica não só com relação à história daquela comunidade, mas também de outros municípios piauienses, cuja melhor informação de que dispõem é a fornecida pelas publicações oficiais do IBEG - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Numa tentativa de colaborar com o que fora idealizado pelo Prefeito Verival Martins Vasconcellos, à época das comemorações fiz publicar duas matérias sobre o importante evento: uma, no jornal "O Dia", de Teresina, com circulação em todo o Estado; outra, um avulso em que contava de forma resumida a vida e a obra do homenageado, o qual foi amplamente distribuído no Município.

Contudo, percebi desde logo, que me encontrava ainda em débito com a memória de CristinoCastro, meu pai. Isto porque, dos treze filhos que ele deixara ao falecer, além da viúva, Zezé Castro, talvez fosse eu aquele que mais de perto viu e conheceu, desde menino, as pessoas, oslugares e os fatos com ele relacionados, no tempo em que viveu. Tanto em Floriano, onde foi,à frente da firma Cristino Castro & Irmão, um dos maiores e mais importantes empresários de sua história, como na região do rio Gurguéia, especialmente no lugar de nome Nova Lapa, hojecidade de Cristino Castro, e em Bom Jesus, onde se tornaram inesquecíveis o pioneirismo, a generosidade e o arrojo postos em prática por todos que com ele trabalharam na conquista edesenvolvimento dos setores produtivos locais.

Por isso, não podia calar, guardando comigo o conhecimento de fatos, hoje, pertencentes à história dessas progressistas cidades piauienses. Sobretudo agora, que se aproxima a data dacelebração do 1º Centenário da criação do Município de Floriano, em 1997. É indispensável queas novas gerações sejam informadas do que existe de mais importante e de positivo dentro dasnossas ricas tradições comunitárias, a fim de que, reverenciando condignamente o passado,encarem com destemor os dias vindouros, exigindo das atuais lideranças da Cidade que pensemmelhor o nosso futuro nesta alvorada do novo milênio.

Brasília, abril de 1.996.
O Autor.

I - A Vida

1. - Quem era Cristino Castro

Cristino Raimundo de Castro nasceu no dia 24 do mês de julho de 1891, na pequena cidade deNova Iorque, situada na região do Alto Parnaíba, sul do Estado do Maranhão. Filho de FranciscoRaimundo de Castro e de Teodolina de Souza Castro, era o segundo na ordem cronológica dosdescendentes do casal, sendo seus irmãos: Raimundo Mamede de Castro (1885-1962), casadocom Elvina Alves de Castro; Agripino Raimundo de Castro (1895-1964), que desposou MariaAlves Sobrinha de Castro (Nicota); e Luiz Raimundo de Castro (1909-1957), casado com MariaFonseca de Castro (Santinha), esta, ainda vive e reside na cidade de Teresina - Piauí.

Os antepassados de Cristino Castro, ao que se sabe, foram pacatos cidadãos dedicados eafeitos às atividades ligadas à lavoura, à criação de gado vacum e cavalar e ao comércio dosbens produzidos na região. Distinguiam-se pela capacidade de trabalho e de iniciativa,qualidades que teriam contribuído para o relativo progresso alcançado entre os demaishabitantes da cidade onde viveram.

2. - Os antepassados da família Castro

Não se conhece, ao certo, como ou quando vieram para o interior do Maranhão os mais antigosmembros desse ramo da família. Contudo, uma rápida pesquisa histórica pode clarear um pouco as sombras que envolvem o assunto ao se reconstituir as primeirastentativas de ocupação daquela parte do nosso hinterland, etapa que se seguiu aos movimentoscolonizadores do que é hoje chamado Meio Norte do Brasil.

Tomamos como ponto de partida de nossa investigação um fato histórico conhecido - a fundaçãoda Vila Nova Iorque, no Maranhão, cidade onde nasceu Cristino Castro. Consta de registro feitopela Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, editada pelo IBGE (1), que, em 1764, quando osbandeirantes vindos da Bahia e de Pernambuco chegaram ao Maranhão, fundando, a 24quilômetros do rio Parnaíba, para o norte, o povoado de Pastos Bons, havia, defronte, no Pôrtodas Almas, uma Fazenda denominada Sussuapara, de propriedade do português Domingos doEspírito Santo e Silva, que foi uma das vítimas da Balaiada naquela zona, em 1839. O referidosenhor foi preso por ordem do major Manoel Clementino de Souza Martins, chefe das forçaslegalistas contra a Balaiada, e sobrinho do Visconde da Parnaíba, Presidente do Estado do Piauí.

Tendo sido morto Domingos do Espírito Santo e Silva, por ordem do major Clementino, temerosoque lhe fizessem algum ataque, desapareceu a Fazenda Sussuapara. Logo depois, aquele lugarrecebeu o nome de Porto Marimba até 1871, quando surgiu ali, o norte-americano EduardBurnett, que construiu a primeira casa de telhas, resolvendo estabelecer-se com uma casa denegócios. Em seguida fundou a Vila, denominando-a Vila Nova, em 1890, quando foidesmembrada de Pastos Bons, e à vista de seu rápido progresso, Eduard Burnett resolveu dar-lheo nome de Nova Iorque, em homenagem à sua terra-berço. Cooperaram com
Eduard na fundação da vila, Bernardino do Espírito Santo e Silva, irmão do falecido Domingos,
Justino Neiva de Souza, João Henrique Ferreira, outros, ali residentes, como os membros dasfamílias Santana, Castro, Dourado, Conrado, os quais eram ligados por laços de amizade, e/ou parentesco.

Sobre a origem da família Castro, os registros mais antigos, de acordo com trabalho feito peloProf. Francisco Abreu, de Campinas, São Paulo, dedicado a assuntos de genealogia,

dizencontrar-se na Espanha, onde "foi uma das mais antigas e importantes famílias". Dai, porcasamentos e uniões sucessivas, ligaram-se a outras famílias no iniciante reino de Portugal ondesurgiram os Castro de Penha Verde e de Cascais, que ficaram famosos pelo poder e a riqueza,avultando no Séc. XIV, a figura de Inez de Castro, de tanta importância na história da nobrezaportuguesa. Confirma a assertiva um escrito do séc. XV, da autoria de Dom João Ribeiro Gayo,bispo de Málaga, constante desta quintilha:

"Os que de Galiza vem
são estes Castros honrados
lá e cá muito afamados
e treze arruelas tem
do sangue dos outros nados".

Quando e como vieram para o Brasil e onde se estabeleceram em primeiro lugar, não obtivemosmaiores informações desde que são encontradas pessoas com o sobrenome Castro em diversosEstados brasileiros. Porém, é fácil imaginarque teriam vindo a bordo de uma daquelas caravelas que, partindo de Portugal ou da Espanha,singraram "os mares nunca d'antes navegados", em busca do Novo Mundo. Assim é que, nasilhas do Caribe, desde os tempos dos descobrimentos, até agora, existem por lá conhecidos eimportantes marcos da presença de elementos da família Castro, os quais se tornaram figurasproeminentes em alguns países de colonização espanhola, notadamente em Santa Lúcia, SanJuan de Porto Rico e Cuba. Idêntica situação existe na África lusofona e India, onde se verifica apresença de pessoas com sobrenome Castro, o que revela o espírito de aventura e pioneirismocomo uma característica dos membros da família Castro.

No Brasil, à época do devassamento e colonização do Piauí não foi diferente. Separado dajurisdição do Maranhão pela Carta Régia de 10 de outubro de 1814, é sabido que a ocupação e povoamento do seu território se deu a partir de movimentos capitaneados pelos sertanistasDomingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense, este, tendo como ponto de apoio apoderosa Casa de Tôrre, na Bahia. De certo não houve qualquer planejamento na ação por eles
desenvolvida. Buscavam a ocupação de extensos campos propícios à criação do gado, riquezasminerais, e os vales úmidos e férteis dos rios, que facilitavam a agricultura, atividade básica àsobrevivência dos grupos por eles liderados, enquanto submetiam os nativos aos seus interessese caprichos.

Consoante o testemunho de Barbosa Lima Sobrinho, no seu livro intitulado "Devassamento do
Piauí" nãotem base histórica atribuir prioridade no povoamento do Piauí ao bandeirante Domingos JorgeVelho, como o fez o historiador Rocha Pita. À sua vez, em excelente trabalho escrito sob o título:"Roteiro do Piauí" (2), (ed. Artenova - Rio, 2a. edição, 1974, pág. 39) Carlos Eugênio Porto,conceituado médico sanitarista e notável historiador, o qual, por longos anos, nas décadas de40/50, esteve no Piauí à frente do Serviço nacional de Combate à Malária, do Ministério daEducação e Cultura, patrocinado pela fundação Rockefeller, afirma sobre a questão da prioridadeno povoamento do Piauí, tendo como centro da polêmica os bandeirantes Domingos JorgeVelho, paulista, e Domingos Afonso Mafrense, que os dois nomes se emparelham, sem o apoioainda hoje de um documentário decisivo. Quanto a Mafrense, "é inegável a sua arrancada nessedevassamento, como assalariado da Casa da Torre. Também não pode ser questionada a suafirmeza como fundador de fazendas, "tal como ocorreu no Piauí, onde, antes de falecer, deixouum imenso patrimônio doado aos Jesuítas".

E conclui dando um outro enfoque à abordagem do assunto; "Na verdade, o peso mesmo dopovoamento recaiu por inteiro no homem obscuro que levou para aqueles sertões a família, opequeno rebanho e a feroz determinação de ficar". Não é diferente a visão de Viana Moogmanifestada no excelente estudo intitulado "Bandeirantes e Pioneiros" (3). Ao analisar a epopeia da colonização do território brasileiro, comparando-a com a dos norte-americanos, traçou commaestria o perfil humano que distinguiu o bandeirante paulista do yankee pioneiro nessa fase depovoamento dos dois países, resumindo: "Emsuma: entre nós, o espírito bandeirante acabava quase sempre triunfando sobre o orgânico e opioneiro, tomado aqui, como convém, o termo pioneiro no sentido de desbravador com ânimo deestabilidade. Não que haja incompatibilidade absoluta entre o espírito de bandeira e o espírito decaravana, ou que bandeirante e pioneiro sejam expressões definitivamente contraditórias, entreas quais não caiba um tipo intermédio a fundir as qualidades de ambos. Nada disso. De ambosse nutrem as civilizações e culturas, desde que, é óbvio, aquele não predomine sobre este, ...".
Semelhante opinião expressou o Presidente Juscelino Kubistcheck de Oliveira, ao manifestar-seem comovente alocução em homenagem aos pioneiros da construção de Brasília, vista como umgrande marco civilizatório da nossa gente neste século, ao dizer: "O bandeirantedesbrava epassa à frente: sua sina é avançar. O pioneiro descobre e fica. Planta e espera a colheita. E doseu rastro brotam valores duradouros."

Essa é, sem dúvida, a hipótese mais aceita pela comunidade de estudiosos dos nossosproblemas históricos e sociais. Até porque, ao reinterpretar o papel do bandeirante nacolonização do nosso país, sem dúvida, da maior importância na abertura das novas fronteiras,amoderna historiografia abre espaço a outros grupos, ou famílias, os quais seguindo os passosdaqueles famosos sertanistas, se adentraram pelos sertões com objetivos de autênticospioneiros: plantaram, cercaram terras, criaram gado, construíram fazendas e edificaram cidades.

Tudo isso porque vieram para ficar.

Na região sul dos Estados do Maranhão e do Piauí onde se localizaram os primeiros membros dafamília Castro, no século passado, eles teriam procedido em tudo como os antigos povoadoresdaqueles distantes sertões, enfrentando enormes dificuldades, agravadas pelos constantesataques da indiada bravia e hostil.

Há em torno disso, é oportuno salientar, um episódio de fundo romântico e pitoresco, que reviveperipécias típicas das modernas cenas novelescas tendo como protagonistas uma representanteda tribo indígena local, possivelmente da aldeia dos tremembés, numerosos na região fronteirado Grão Pará, e um daqueles pioneiros.

Esta história, muitos e muitos anos depois, nos era narrada pela Senhora Elvina Castro, minhatia, notável memorialista das coisas ligadas ao clã, da qual era figura proeminente. Com muitogosto e graça, não faltando os menores detalhes da narrativa, ela falava sobre a captura de umajovem índia por um dos seus antepassados de nome Hermógenes. Dizia que, numa de suasandanças mato a dentro na região onde moravam, Hermógenes e outros companheirosestabeleceram contato com membros de um aldeamento ali existente e, usando de muitas artes,conseguiu trazer uma índia, conduzindo-a na lua da sela de sua montaria até a casa de seuspais, onde ela foi acolhida e bem tratada. Batizada com o nome de Rita Olivia, de gêniomuitoforte e caprichosa, casou-se com um dos seus filhos. Desta união veio numerosa prole caracterizada pela cor da pele bronzeada, cabelos negros e lisos, temperamento forte e independente, como se tornaram conhecidos os descendentes de Hermógenes, que foi pai deRaimundo, pai de Francisco, que foi pai de Cristino e irmãos. A essa altura, vale citar reflexãofeita pelo Prof.

Darcy Ribeiro, no seu livro "O Povo Brasileiro", a saber: "Nós brasileiros, nestequadro, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, jáque aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nosfazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de
si, afundada na ninguendade. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional,a de brasileiros".

3. - Chegada em Floriano no fim do século passado: Infância, aprendizado e atuação de CristinoCastro

Por motivos não conhecidos, os pais de Cristino Castro mudaram-se, em caráter definitivo, daVila de Nova Iorque para a cidade de Floriano, no Estado do Piauí, em fins do ano de 1898. Émuito provável que tenha contribuído para isso as expectativas criadas com a promulgação da
Lei nº 144, de 08 de julho de 1897, através da qual o Governador do Piauí, Raimundo Artur deVasconcelos, elevou a Vila da Colônia à categoria de Cidade, com a denominação de Floriano,então florescente centro populacional e comercial, situado à margem direita do rio Parnaiba, emfrente à cidade de Barão de Grajaú, no Estado do Maranhão. Também deve ser levado emconsideração o grande apoio recebido do governo federal para a instalação da Colônia Agrícola
Rural de nome São Pedro de Alcântara, nome do santo padroeiro da nova cidade de Floriano,que ganhou essa denominação em homenagem a Floriano Peixoto - O Marechal de Ferro -segundo presidente e consolidador da recém proclamada República brasileira.

Na recém-criada cidade piauiense de Floriano, a família Castro foi uma das primeiras a chegar,estabelecendo-se ali com atividade comercial, e que aconteceu com muitas outras conhecidas famílias depioneiros vindas dos municípios vizinhos e até do exterior, como foi o caso da numerosa eimportante colônia sírio-libanesa instalada em Floriano.

Cristino Castro chegou ainda muito jovem, tendo feito o curso primário no colégio "Culto àCiência", dirigido pelos professores Alberto Drumond e Guilherme Gustavo de Mendonça eCortez, os quais se distinguiram como notáveis educadores da mocidade florianense. Apósconcluir o 6º ano, com aprendizado nos Livros de Leitura I, II e III, de autoria de Felisberto deCarvalho, compreendendo as várias matérias integrantes do curso, Cristino foi diplomado comdistinção e louvor. Revelou-se um leitor curioso e infatigável dos livros que lhe vinham às mãos,especialmente de obras sobre economia, ciências, biografias e relações humanas, sem faltarAlexis Carrel e Dale Carnegie. Não havendo curso ginasial ou universidade ao alcance, cedodedicou-se ao comércio, atividade para a qual se sentia atraído. Passou então a trabalhar,juntamente com o irmão Raimundo Mamede Castro, na firma de seu progenitor, com a razãosocial de Francisco Castro & Filhos, um dos primeiros estabelecimentos comerciais instalados nacidade de Floriano, na praça Coelho Rodrigues, hoje Praça Tiradentes.

Constituiu objetivo da sociedade comercial iniciada manter "armazém de fazendas, miudezas,louças, ferragens e estivas, etc." e comprar "todos os gêneros de exportação do país pelosmelhores preços do mercado". Com a experiência, adquirida e desejando alçar vôo mais alto, porconta própria, reuniu as economias feitas e organizou, com o irmão Agripino Raimundo de Castro, umanova sociedade comercial com o capital inicial de R$ 60.000$000 (sessenta mil de réis),aumentado posteriormente para R$ 200.000$000 (duzentos contos de réis), em razão dos lucrosacumulados. Conforme o ajuste feito entre

os sócios, a razão social da firma seria de CristinoCastro & Irmão, e tinha como finalidade, "fazer o comércio, nesta praça (Floriano), de compras evendas de mercadorias nacionais e estrangeiras, de gêneros de exportação e consumo, e outrosque possam convir à sociedade, sem distinção de espécie" (Cfr. cláusula primeira do contratosocial, registrado no ano de 1.923 sob o nº 203 na Junta Comercial do Estado, em Teresina).

A firma C. C. & Irmão mantinha intercâmbio comercial com as principais praças do país e doexterior, como Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, França. Utilizava nas transaçõescomerciais os Códigos Ribeiro e Particulares.

O sucesso alcançado foi enorme, tornando-se a firma Cristino Castro & Irmão, em pouco tempo,um dos maiores, mais sólidos e respeitados estabelecimentos comerciais da região,comercializando mercadorias, inclusive, para o sul do Piauí e outros estados, notadamente, oMaranhão.

4. - A Era de Ouro de Floriano, antiga Colônia São Pedro de Alcântara

Nas primeiras décadas deste século, Floriano tornou-se, pelo trabalho, competência edeterminação de seus habitantes, de modo especial daqueles pioneiros que lograram distinguir-secomo impulsionadores do seu progresso, em importante centro comercial. De certo, contribuiupara isso, também, não somente a invejável posição geográfica que Floriano desfrutava comoporta de entrada dos caminhos que levavam ao sul do Piauí e do Maranhão, com o fato de seruma cidade ribeirinha do rio Parnaíba, a qual tinha no transporte fluvial uma via mais fácil e barata para oescoamento dos seus produtos e a comercialização de mercadorias vindas de outras praças dopaís e do exterior. O "boom" do progresso de Floriano se refletiu na qualidade de vida dos seushabitantes, assim como nos serviços de que dispunha a cidade para o conforto e bem-estar,educação, cultura e lazer da sua população. Com razão, a crônica da época cognominou Florianode "A Princesa do Sul", do Estado.

Neste particular, Rafael da Fonseca Rocha, florianense de nascimento e de coração, hojeradicado em Brasília, em recente e oportuno trabalho feito sob o título "Floriano - de tão belas recordações", traz um precioso repositório sobre pessoas, coisas e fatos da vida da cidade, cujotrabalho representa uma notável contribuição à história de Floriano.De outro lado, era de ver o gosto revelado nas construções residenciais da parte mais abastadade seus habitantes, os quais buscavam introduzir novas técnicas e materiais da melhor qualidadenas edificações realizadas. No excelente estudo feito pelo engenheiro-arquiteto José NunesFernandes, intitulado "Aspectos da Arquitetura de Floriano", publicado sob os auspícios daAcademia Piauiense de Letras, em 1991, ao descrever as construções realizadas em Floriano,desde o início do séc. XX até 1920, o autor focaliza as principais características e o estilo dasedificações desse período, e, dentre muitas outras, por ele analisadas, registrou (às páginas 74do acima referido trabalho): "Outra construção, feita em 1915, é outro grande exemplar deedificação inspirada na "morada-inteira". É a residência feita pelo Sr. Cristino Castro, que hojepertence à sua família. O Sr. Cristino Castro foi um dos comerciantes mais ricos da região. Omestre-de-obras e os ajudantestodos foram contratados por ele e vieram do Recife. O famoso mestre-de-obras que veioconstruiu a casa e fez também todos os ornamentos em massa que aparecem nas fachadas, jáque a casa é de esquina. A porta principal dá acesso ao interior da casa através de um corredor.No corredor, como de costume, uma porta de madeira recortada, que fecha parte de um grandevão formado por um lindo arco ogivado bastante movimentado, divide o corredor da intimidade."

Como esta, muitas outras edificações da cidade foram analisadas pelo autor, a saber: a deAgripino Castro, Teodoro Sobral, e os "sobrados", casas de dois andares feitas por SalomãoMazuad, José Demes, Adala Atem, Calisto Lobo, e a mais antiga e bonita casa residencial doempresário e político Hermano Brandão.

Também no final da década de 20, chegaram a Floriano os primeiros automóveis importados.Eram de propriedade de Cristino Castro, Mundico Castro, Afonso Nogueira, José Fonseca,Leonidas Leão, aos quais se somava um Ford de bigode, do Major Carlino Nunes e outro deJosé Guimarães.Portanto, o cenário em que se desenvolveu a cidade de Floriano foi dos mais propícios, desde asua fundação até a primeira metade deste século, não só em razão dos recursos naturais de quedispunha o município, do qual faziam parte o rico vale do rio Itaueira, o Rio Grande e Nazaré,onde se situam as Fazendas Estaduais, antigas propriedades dos Jesuítas doadas pelosertanista Domingos Afonso Mafrense.

Também deve ter contribuído para isso, a dedicação e o amor ao trabalho daqueles que vierampara ficar, como autênticos pioneiros, cada um dando o melhor de si nas suas respectivasatividades, sem esquecer o retorno indispensável à comunidade a que pertenciam.

Dentre essas pessoas distinguiram-se como os primeiros empresários: Neto, Pires & Cia., comfilial em Parnaiba, tendo como sócios Pedro Vieira Neto e João Pires Ferreira; Hermano Brandão;José Rodrigues Pereira de Carvalho; Fonseca, Borges & Cia., sucessores de Estrela e Borges;Luiz F. Ribeiro Gonçalves; Farmácia Marques, do dr. Fernando de Oliveira Marques; DioclecianoRibeiro & Cia. (agência de vapores), de Diocleciano da Silva Ribeiro e Frutuoso Pacheco Soares;Bazar Estrela, de Felix Estrela; Elisiário F. de Souza; Francisco Castro & Filhos; Antonio PereiraNeto; Raimundo Neves de Atayde; Mercearia Lealdade, de João Pereira Lopes; AlmeidaGuimarães & Passarinho; Alfaiataria Castro, de Manoel Conrado de Castro, Gabriel GomesFerreira; José Guimarães; Francisco Cavalcanti; Ourivesaria Franco, de Raimundo PereiraFranco; Francisco Antonio Nunes; AntonioZarur, Filho & Cia.

Mais recentemente, num período que poderíamos dizer de consolidação e expansão de Florianocomo importante centro radiador do progresso, distinguiram-se: Cristino Castro & Irmão;Salomão Mazuad; Calisto Lobo; Leônidas Leão & Filhos; Raimundo Mamede de Castro, queorganizou a empresa Fazendas Reunidas Raimundo Castro S.A., o maior complexo agropecuáriodo Piauí, atualmente de propriedade do dr.Filadelfo Castro; Afonso Nogueira & Filhos(agência de vapores e comércio); Assad Kalume; Emilio Gabriel; David Kreit; José Demes&Filhos; Adala Atem; MiladKalume; João Luiz da Silva (agência de vapores); João Vianna de
Carvalho (agente dos hidroaviões "Condor); João Frejat; Bucar Amado Bucar; José AndradeConrado Sobrinho; Mamede ArudáBucar; Pedro Atem; Salim Atem; David Mazuad; Dico Leão; Francisco Lima; Famácia Sobral, do Dr. Teodoro Ferreira Sobral, hoje depropriedade do jovem e vitorioso empresário Teodoro Ferreira Sobral Neto; Farmácia Rocha, dodr. Raimundo Alves Pereira da Rocha; F. Antão Reis; Tufi Lobo; Jorge Waquim; Faiz Salim;Farmácia Coelho, de dr.Abilio Cavalcanti Coelho, aos quais se somavam importantes firmas deoutras praças instaladas em Floriano, como a Casa Marc Jacob (gerentes: José Dutra e ManoelAlves de Almeida); Morais & Cia (gerentes: AntonioAnisio Ribeiro Gonçalves e Raimundo AraújoCosta); Casa Ingleza (gerente: Clóvis Mello); Machado & Trindade; (Gerente: Tiago Roque deAraújo); Casas Pernambucanas (gerentes: Odir Gonçalves e Anésio Batista); Lojas Rianil(gerente: Gervásio Medeiros).

Não há a menor dúvida, o que Floriano teve de melhor ao longo de sua formação histórica foi odesenvolvimento e competência dos educadores de sua mocidade, os quais conseguiramplasmar um edificante espírito de comunidade que contaminou os diferentes segmentos dasociedade florianense. Dentre os que mais se destacaram, são aqui relembrados os seguinteseducadores: Padre Uchôa, Padre Antonio Marques dos Reis, Juiz Everton Augusto da Silva, doColégio São Vicente de Paulo; Padre Moisés Pereira dos Santos, fundador do Colégio 1º deMaio; Estefânia Conrado, Aleluia Azevedo, Morena Abreu, dr. José Messias Cavalcanti, OsternesBrandão, José Severiano da Costa Andrade, Iraci Martins, Alceu Brandão, Mirtila Cotrim, AraciDutra, Veras de Holanda, Filó Soares, José Raimundo Vasconcelos, fundador do Colégio SantaTerezinha, em 1934, posteriormente dirigido pelo Dr. Manoel Sobral Neto, Padre Pedro da SilvaOliveira, Eleutério Rezende, Maria Matos, Josefina Demes, Albino (Binú) Leão de Fonseca, Juiz Fernando LopesSobrinho, Zélia Martins Rocha, Heloisa Sobral, Aldenora Olegário, Adélia Waquim, RaimundaCarvalho, Moema Frejat, Lurdes Martins, Abilio Neiva de Souza, Heli da Rocha Nunes, DonaHercilia Camargo, Djalma Silva, Termutes Carvalho, Iracema Miranda, Oscar Cavalcanti,Joaquim Lustosa Sobrinho, MundiquinhaDrumond, Jovenilia Rocha, Francisca Silva e as irmãsIracema, Ligia e Beatriz da Costa e Silva, e Alda, Maria Enedina e Antonia Ferreira de Castro.

Se a classe empresarial, nos setores de agricultura, comércio e indústria, era esclarecida ecompetitiva, e os educadores cumpriam sua importante missão, Floriano contou também com
uma liderança política atenta e responsável, inicialmente se destacando os Prefeitos: João Chico,1º prefeito de Floriano, em 1894; seguindo-se Raimundo Borges da Silva (1904); EuripedesClementino de Aguiar (1912-16); AntonioLuis de Arêa Leão (1922-26); Fernando de OliveiraMarques (1926-30); Cirilo Martins, João Rodrigues Vieira, Teodoro Ferreira Sobral (1931-34);Oswaldo da Costa e Silva (1934-45); Gonçalo Teixeira Nunes (1945); Djalma José Nunes (1945-47); Luiz Raimundo de Castro, Raimundo José Martins de Araújo Costa; Sebastião Martins deAraújo Costa (1943-50). Faleceu quando eleito pela segunda vez, em 1954. Tibério BarbosaNunes (1951-55 - 1967-7); Herbrand Ribeiro Gonçalves (1056-58); Francisco Antão Reis (1959-62); FauzerBucar, faleceu quando eleito (1962), substituído pelo Vice, Hermes Pacheco (1962-66); José Bruno dos Santos (1971-73); Adelmar Pereira da Silva (1977-82); Manoel Simplicio daSilva (1983-88 e 01-01-93); José Leão Azevedo de Carvalho (1989-92).

Outras importantes lideranças políticas (que não faziam parte do mundo oficial) merecem citaçãocomo: Major Carlino Nunes, Marinho de Queiroz, 1º Presidente do Legislativo Municipal, em1891, João Viana de Carvalho, Raimundo (Dóca) Rocha, Inácio Carvalho, Leto Leitão Ferrreira,Nilo Brandão, João Leal, João de Deus Neto, dr. Manoel Gomes Ferreira, Pedro Gaudêncio deCastro e Defala Atem. Filadelfo Castro, deputado estadual e João Calisto Lobo, eleito para oSenado Federal.

A essa época, além de várias escolas públicas e particulares, Floriano contava ainda com o LiceuMunicipal, criado pela Lei nº 125 de 22-07-1929, dirigido pelo Prof. FelisminoWeser, e a EscolaNormal Municipal de Floriano, criada pela mesma lei, que passou a Escola Regional e, depois, aColégio Dr. Oswaldo da Costa e Silva, em homenagem àquele que foi um grande incentivador dainstrução no Município, à época, destacando-se, entre os de melhor índice de alfabetização doEstado.

Neste período, eram editados em Floriano os seguintes jornais: "O Popular", fundado em 1911,de propriedade do Sr. José Pires; em 1925 circulou o jornal "Floriano", de propriedade do coronelDoca Borges; em 1935, surgiram os jornais "Correio do Sul", do coronel Raimundo MamedeCastro, tendo em EugenelinoBoson, advogado provisionado, chefe da editoria, e "A Luta", do Dr.Oswaldo da Costa e Silva, o qual contou com a

colaboração de Amâncio Calland, respeitado líderclassista, e Osternes Brandão, como editorialistas para a campanha política daquele ano.

No setor cultural, Floriano contou, a partir da década de 30, com o Teatro Politeama,importantecasa de espetáculos, destinada a representações teatrais e/ou populares.

Duas bandas de música, a Filarmônica Florianense (1912) e a Euterpe Florianense (1933),alegraram os florianenses, sem contar os conjuntos musicais menores.

Nos esportes, os clubes de futebol mais importantes eram dois, bastante representativos dosmais importantes segmentos da sociedade florianense: o Comércio Esporte Clube e o ArtísticoFutebol Clube, este, mantido pela União Artística Operária Florianense, pujante entidade daclasse operária fundada em 1920, numa memorável sessão presidida pelo sr. Agripino Raimundode Castro, tendo sido eleito seu primeiro presidente o sr.Antonio Nunes de Almeida. Referidaentidade mantinha o Colégio 1º de Maio e a Escola David Caldas, esta para adultos, à noite, alémde patrocinar atividades artísticas, culturais e sociais.

Eram líderes conceituados nos meios operários florianenses Amâncio Calland, Manoel Camarço,Francisco Paixão, João Alves Silva, João Dantas, Mestre Eugênio Araújo, José Duque de França,Joaquim (Quincas) Araújo, José Oliveira, vulgo Zé Caboré, Miguel Borges, ourives, Luiz Pinto deOliveira, Epifânio Borba, José Olegário, Mestre José Manduca, José Ferreira Rocha.

5 - A família e a política na vida de Cristino Castro

Cristino Castro casou-se com Maria José Ferreira, filha de José Martins Ferreira Sobrinho eÂngela Josefina Ferreira, residentes em Floriano, no dia 26 de dezembro de 1916, de cujocasamento vieram-lhes 13 filhos, de nomes: Alda, José, Maria Cristina, Francisco, MariaEnedina, Maria Augusta, Antonia, Pedro, Maria de Jesús, Maria Inês, Cristino Castro Filho,Ângelo e Terezinha Ferreira de Castro. Atualmente existem 26 netos e 23 bisnetos. De hábitosmorigerados não bebia, não fumava. Era católico praticante. Tinha na família e nos negócios asmaiores razões do seu viver.

No campo das atividades políticas Cristino seguia a orientação de seu irmão, Coronel RaimundoMamede de Castro, grande latifundiário e pecuarista, militante político oposicionista, que setornou prestigioso chefe político com influência marcante nos demais municípios vizinhos e no suldo Estado do Piauí. Contudo, Cristino mantinha bom relacionamento com os outros chefes departidos políticos locais, sendo respeitado pelo equilíbrio das posições que adotava.

Talvez por isso, mas, sobretudo, em razão do grande conceito que gozava como empresáriovitorioso e progressista, foi convidado, e aceitou, participar do Conselho Executivo Municipal,órgão fiscalizador das contas do Município, criado pela Revolução de 30, durante a gestão doprefeito Dr. Teodoro Ferreira Sobral, nomeado pelo interventor Landri Salles Gonçalves – paraoperíodo de 1931-34. O referido Conselho Municipalteve a seguinte constituição: Cristino Raimundo de Castro, José Francisco Dutra, LeonidasCarneiro Leão, Frutuoso Pacheco Soares e João Vianna de Carvalho. O Conselho tinha comoatribuições, dentre outras, discutir e deliberar sobre um programa

mínimo de obras a seremrealizadas em Floriano, então o maior e mais importante centro comercial na região.

Dentre as várias obras projetadas e executadas, cobrindo diversos setores, podem ser arroladasas seguintes:

- Instalação do Banco do Brasil S. A. em Floriano, do qual foi 1º representante, o Sr. Bento Leão.
- Instalação da usina Itaueira para beneficiamento de algodão e arroz.
- Criação e instalação da colônia agrícola Dr. Sampaio, no km 07 da rodovia Floriano-Oeiras.
- Construção do campo de aviação, ligando Floriano a outros centros do país, pelo CorreioAéreoNacional - CAN, dando- a vinda do 1º avião militar no dia 11-06-1934, pilotado pelo capitão JoséMacedo. Após a inauguração do CAN, Floriano passou a receber no seu aeroportoos aviões decarreira das maiores empresas aéreas do país.
- Execução do primeiro calçamento feito em Floriano, a partir do rio Parnaiba até a Av.Presidente Vargas, no centro da cidade.
- Construção de mais escolas e de estradas vicinais, além de outros melhoramentos de interesseda comunidade.

6. - A descoberta e conquista de novas fronteiras no rico vale do rio Gurguéia, sul do Piauí.

A essa altura, Cristino Castro já diversificara suas atividades tornando-se um grande proprietáriode terras, pecuarista e empresário bem sucedido e respeitado por todos.

Foi quando teve início a obra que se constituiu no grande desafio de sua vida, - a de pioneiro nodevassamento do sul do estado do Piauí. Ao se decidir pelo alargamento das fronteiras deprodução e comércio de Floriano rumo ao vale do rio Gurguéia e do Alto Parnaíba, CristinoCastro demonstrou ser possuidor das qualidades que caracterizam as grandes individualidades,que se distinguem pela coragem em assumir riscos, pelo idealismo, capacidade de trabalho e dedesprendimento a serviço dos objetivos colimados. Tudo isto esteve presente, de sobra, nosinstantes mais difíceis de sua vida daí em diante, revelando as verdadeiras dimensões moraisque ornavam sua personalidade de escól, de inatacável honradez.

Os sucessos e insucessos dessa verdadeira saga em que se constituiu o devassamento do valedo Gurguéia tangido pelo pioneirismo da firma Cristino Castro & Irmão, serãonarrados mais adiante, embora não de modo completo, como seria de desejar. Salientaremosaqui apenas alguns momentos mais significativos ligados ao escopo do nosso trabalho, o qualtem como finalidade precípua a reconstituição de uma vida e da obra inacabada de um grandelutador, acompanhando-a até o momento em que, vitimado pela malária, então endêmica naregião do Gurguéia, Cristino Castro foi obrigado a afastar-se da direção dos negócios da suafirma saindo em demorada viagem rumo à Bahia, e, depois, para o Rio de Janeiro em busca desocorro médico.

Ao regressar meses depois, não totalmente restabelecido, porque o organismo ainda sofria osefeitos da terrível febre plaúdica, tomou conhecimento da situação que, de forma irremediável,comprometia a saúde financeira da firma por ele chefiada até há pouco tempo atrás. Oestrangulamento do comércio de exportação do algodão e outros bens produzidos na região, emrazão da 2a. Grande Guerra Mundial, o estancamento das fontes de financiamentoà produção,agravaram a crise que provocou a depressão nos setores produtivos, levando a firma ao pedidode concordata preventiva pra a solução dos débitos. A essa medida, seguiu-se o requerimento deliquidação judicial da empresa

encaminhado pelo sócio Agripino Raimundo de Castro, então àfrente dos negócios da sociedade comercial Cristino Castro & Irmão.

7. - O fim de um grande sonho

Foi demais o golpe sofrido. Daí em diante Cristino Castro passou a uma fase de grandedepressão física e psicológica, o que o levou a ser conduzido à internação no Hospital Areolino de Abreu, em Teresina.

Ali permaneceu até a sua morte, o que ocorreu no dia 1º de fevereiro de 1950, às 16 horas, tendocomo "causa mortis" "insuficiência cardíaca", consoante atestado de óbito firmado pelo seumédico, doutor Clidenor de Freitas Santos.

Encontrava-me em Floriano, onde residíamos, como advogado recém-formado, quandorecebemos telegrama urgente de minha irmã Antonia Castro, que o visitava em Teresina,comunicando o seu falecimento naquela tarde. Com o amigo e parente Adjomar Ferreira Rocha(Reisinho) tomamos um jeep dirigido pelo motorista José Vieira, vulgo Só Se Vendo, rodandotoda a noite nas estradas carroçáveis existentes durante aquela estação chuvosa.

Chegamosexatamente na hora do sepultamento, em Teresina. Numa cerimônia fúnebre simples de caráterreligioso, acompanhada por parentes e poucas testemunhas, o corpo de nosso querido pai eamigo baixou à sepultura nº 3.730, situada logo na entrada do cemitério público São José, onderepousam seus restos mortais, deixando conosco imensa saudade e uma grande lição de vida.

Registrando o fato lutuoso, o jornal "Resistência", de Teresina, publicou uma nota que poderiaservir de epitáfio, melhor dizendo, como um elogio fúnebre: *"Ocorreu, nesta capital, a primeirodeste mês, o falecimento do sr. Cristino Raimundo de Castro, residente em Floriano, que seencontrava há algum tempo, hospitalizado na casa de Saúde "Areolino de Abreu", para fim detratamento médico.*

Cristino Castro, que foi importante e próspero empresário naquela cidade, era possuidor deexcelentes qualidades morais e dotado de muita inteligência e amor ao trabalho.

Como forte empreendedor, foi quem desbravou com sua frota de caminhões o sul do estado,incentivando o plantio e comércio de algodão, na rica zona de Nova Lapa e Bom Jesus, o quetrouxe, incontestavelmente, naquela época, grandes melhoramentos àquela região.

O arrojo de seu empreendimento esmagou-o em uma derrota comercial sem precedentesnaqueles rincões, com a baixa do algodão.

Viveu e adoeceu, este piauiense digno e honrado, vítima de seu próprio dinamismo, morrendosob a pressão da derrota que foi originada em acontecimentos que a sua vontade foi incapaz decontornar ou deter.

No momento em que desaparece, depois de longo sofrimento, se impõe este registro comoumatardia justiça na morte do homem que foi malogrado pioneiro de uma empresa que está por serrealizada naquela zona.

Casado com a senhora Maria José Ferreira de Castro, deixa treze filhos".

Num outro registro feito àquela época pela competente Professora Josefina Demes, de Floriano,sobre a morte de Cristino de Castro, após lamentar o infausto acontecimento, ela vaticinou queCristino Castro seria lembrado às gerações futuras como o "Mauá piauiense", pela sua extraordinária capacidade de trabalho e realização, aserviço de uma visão grandiosa do futuro".

II - A obra

1. - Cristino Castro - de Floriano rumo ao Vale do Gurguéia

A obra realizada por Cristino Castro durante os anos de sua curta, porém, profícua existência é
na realidade, surpreendente, ainda que medida pelos padrões macroeconômicos modernos.Dada a dimensão e características inovadoras do projeto que foi posto em prática, não só emFloriano, onde era tido, sem favor, como um dos maiores senão o maior empresário, como naregião do vale do Gurguéia, nada houve que pudesse ser igualado. Tanto isso é verdadeiro que,somente algum tempo depois, duas iniciativas levadas a efeito na região, uma pelo GovernoFederal com a criação do Núcleo Colonial do Gurguéia, em 1959, patrocinada pelo Arcebispo deTeresina, Dom Avelar Brandão Vilella, da qual esteve à frente o engenheiro agrônomo AgostinhoReis; outra, a Aliança do Gurguéia, em 1962, de menores proporções, conduzida pelo PadreAnchieta, pároco do Município de Eliseu Martins, representaram uma retomada da idéia inicial decolonização e aproveitamento econômico dos recursos ali existentes em benefício daspopulações mais carentes.

De certo, teria contribuido para os riscos assumidos por uma empresa privada bem sucedida,como era a de Cristino Castro, não só o vulto do empreendimento e as grandes potencialidadesdo vale do Gurguéia oferecidas à exploração, como alguns traços marcantes da personalidadedo seu principal artífice, o qual era possuidor de uma extraordinária percepção dos fatos,coragem para tomar decisões e deuma determinação férrea na perseguição dos objetivos colimados.

Com a confiança adquirida em razão dos êxitos já alcançados, foi assim que, no início da décadade 30, a firma Cristina Castro & Irmão, estabelecida na cidade de Floriano, na Praça Matriz,atualmente denominada praça dr. Sebastião Martins, da qual eram sócios solidários Cristino eseu irmão Agripino Raimundo de Castro, empenhou-se numa verdadeira saga em que seconstituiu a tentativa ousada e corajosa do devassamento e exploração econômica do rico epromissor vale do rio Gurguéia, situado no sul do Estado do Piauí. Teve início este trabalho coma implantação de postos avançados de ação, ao estabelecer filiais no povoado de Nova Lapa ena cidade de Bom Jesus, e, posteriormente, em Canto do Buriti, cujas localidades seencontravam àquela época, num isolamento completo e distantes dos centroseconomicamentemais ativos. Comercialmente, o extremo sul do Piauí era mais ligado à Bahia e Norte de Goiás,do que à Capital do Estado.

A essa época, o Município de Floriano era grande produtor de cereais, de cêra de carnaúba,possuia um vasto rebanho de gado vacum e cavalar e se tornara o mais dinâmico entrepostocomercial da região. No plano político, Floriano adquiria importância crescente e participava,através de suas lideranças mais expressivas, das grandes decisões e dos negócios do Estado.

De outra parte, a sua população gozava de um padrão de vida relativamente elevado, assimcomo de bem estar social, e condições culturais e de lazer invejáveis. Todo esse

sucesso, faziade Floriano um ponto deconvergência e pólo irradiador do progresso, uma vez que, por sua posição geográficaprivilegiada, se colocara à porta de entrada de todos os caminhos que levavam ao sul do Piauí,ao médio e alto Parnaiba, no Maranhão, e norte de Goiás.

Aliás, o futuro promissor de Floriano no sul do Estado, já havia chamado a atenção do agrônomoFrancisco Iglesias ao registrar esse fato no seu livro "Caatingas e Chapadões", onde escreveusuas impressões de viagem realizada ao Piauí.

No início da década de 30, a via mais importante para o escoamento dos produtos da região, erao rio Parnaiba, "o velho monge de barbas brancas", consoante a simpática e terna evocação donosso poeta maior, Da Costa e Silva. Pelo Parnaiba, nas balsas feitas de talos de buritis ecobertas de palhas, ou em barcas tracionadas por lanchas e vapores com caldeiras a lenha,fazia-se o transporte de quase tudo que entrava e saia do Estado, via porto de Tutóia, na cidadede Parnaiba, então centro hegemônico do comércio piauiênse.

O transporte por terra era feito de forma bastante primitiva pelos demorados comboios ou tropasde animais, que traziam os produtos à venda e levavam mercadorias transacionadas para ocomércio interiorano. As principais firmas comerciais de Floriano mantinham as chamadas"rancharias", onde hospedavam os clientes, geralmente comerciantes vindos de outros lugarespara efetuarem compras. Evitavam os hotéis e pensões da cidade, hospedando-se nestes locais,e faziam refeições nas casas dos seus hospedeiros, como ocorria frequentemente com Cristino e Agripino Castro, onde eram frequentes estes hóspedes.

Não havia rodovias para o escoamento da produção ou transporte regular de mercadorias vindasde outras praças, do país e do exterior. Os automóveis e caminhões eram importados, assimcomo a maior parte dos produtos expostos à venda pelos comerciantes de Floriano. Quando otransporte chegou, ligando Floriano a Teresina e Floriano, via Oeiras e Picos, a Fortaleza, Recifee outras cidades do país, a princípio em estradas carroçáveis, depois de piçarra e, por últimoasfaltadas, Parnaiba perdeu a hegemonia no comércio piauiênse. Assim como já acontecera coma cidade de Amarante, de tão belas e ricas tradições, cujos filhos, em grande parte,enriqueceram a vida de Floriano. Outro eixo de desenvolvimento se abriria, mais tarde,consolidando-se com a construção da Barragem de Bôa Esperança que passou a produzir edistribuir energia farta e barata indispensável ao progresso do Piauí e Maranhão.

2 - A construção da 1a.carroçável ligando Floriano - Nova Lapa - Bom Jesus. Uma viageminesquecível de caminhão percorrendo aquele estranho e fascinante santuário ecológico.

Como parte integrante de um cenário positivo de realizações que se desenrolava em Floriano, agrande arrancada da firma Cristino Castro & Irmão rumo ao sul do Estado teve início, no ano de1932, com o projeto de construçãode uma estrada carroçável ligando Floriano - Nova Lapa e Bom Jesus do Gurguéia, numadistância de 362 quilômetros. Era seu principal objetivo interligar aqueles centros populacionais esubstituir o transporte de bens e mercadorias feito por tropas de animais pelo transporteautomotivo. Era uma idéia revolucionária àquela época, sem qualquer dúvida.

Estava à frente do governo do Estado do Piauí, como Interventor, o Tte. Landri Sales Gonçalves,(1931-35), administrador correto e eficiente, o qual exerceu o poder em nome da Revolução de30, chefiada pelo Presidente Getúlio Vargas. Sob a forma de parceria, o governo do Estado deuajuda à construção da rodovia, o poder público entrou com o financiamento da estrada e a firmaCristino Castro & Irmão e as prefeituras de Floriano e Bom Jesus, com a mão-de-obra, asferramentas e a administração dos serviços. Foi contratado como executor da obra o sr.Alcebiades Gomes de Morais, pessoa honesta e competente, grande conhecedor da região, atéBom Jesus, onde tinha familiares. À frente de uma equipe composta de pessoas decididas etrabalhadoras, afeitos às tarefas de levantamento de rumos em trabalhos de demarcação edivisão de terras munidos de teodolitos e outros instrumentos simples de agrimensura,conseguiram traçar a direção correta, fincaram os piquetes necessários aos trabalhos dedesmatamento e preparação do terreno da futura rodovia, ligando Floriano ao sul do Piauí.

Segundo depoimento do próprio Alcebiades, antes do seu falecimento em Bom Jesus, já emidade avançada, o terreno por onde deveriam passar era conhecido, nas chapadas e caatingas.
Isso facilitou buscarem os lugares onde a travessia dosriachos era mais fácil ou o rio Gurguéia não atingiria nas suas enchentes. Foram necessáriosdezoito meses de intensos trabalhos para a conclusão dos serviços programados, tendo aqueleshomens enfrentado dificuldades de toda a sorte, expostos ao sol inclemente, às chuvastorrenciais e à agressão do próprio meio ambiente, difícil e hostil.

Como instrumento de trabalho, dispunham dos mais simples e rudimentares para esse fim, taiscomo machado, foice, pás e semelhantes, desde que ainda estavam por vir os possantestratores, as motoniveladoras e as pás mecânicas de tecnologia moderna. Apesar das limitações,os trabalhos por eles realizados eram dignos de reconhecimento e admiração, como o que foifeito na ladeira de Angico Branco, próximo ao povoado de Jacaré, atualmente cidade de EliseuMartins, e as pontes, numerosas, nas travessias dos riachos e córregos existentes. Estas ponteseram feitas basicamente de duas vigas de madeira, juntas, cada uma de 20 a 25 cm. de largura,postas de cada lado da bitola da estrada na extensão do córrego ou riacho a ser atravessado.

Eram as conhecidas pontes chamadas "mata-burro", por serem temíveis para os animais etambém para os motoristas menos hábeis ao atravessarem as correntezas d'água, como ficoufamosa a existente sobre o riacho denominado Barra do Santana.

A distância percorrida pela estrada era de cerca de 364 quilômetros, de Floriano ao povoado e
Nova Lapa, hoje, cidade de Cristino Castro, e mais 36 quilômetros de Cristino Castro a BomJesus do Gurguéia. O trajeto pela rodovia carroçável, saindo de Floriano, pela rua 7 de setembro, rumo à Nova Lapa - Bom Jesus, era o seguinte: Tabócas, Meladão, Paú de Leite (ladeira),Genipapeiro, Tocados, São Pedro, Carnaíba, Santa Maria, Exú, Iehú, Cacimbas, Uica, Sapé,Lagôa dos Cavalos, São Luiz, Algodões, Mocambo, Jatobá (caatinga), Puçá, Angico Branco,Jacaré (atualmente Eliseu Martins), Lagôa Cercada, Espírito Santo, Barra de Santana, Panasco,Enseada, Angical, Paquetá, Barra do Sitio, Lagôa Cumprida, Estreito, Nova Lapa.

De Nova Lapa, hoje Cristino Castro, seguia para Correia, Cajazeiras, Inhúmas, Calháus(atoleiro), Esperança, Barrocão, Extrema, Bom Jesus.

Era praticamente o mesmo trajeto coberto pela moderna rodovia asfaltada - BR-135 - existente notrecho, construída no governo do Engenheiro Alberto Tavares da Silva (1971-

75), segundo seudepoimento, ao inaugurar a via denominada Transpiauí, ligando o porto de Luis Correia (norte) àCristalândia, extremo sul do Estado do Piauí.

Findos os trabalhos de campo e das benfeitorias necessárias, deu-se a sua inauguração, noverão de 1934. Para isso organizou-se uma caravana, tendo como carro chefe o caminhãoChevrolet-Tigre, de propriedade da firma Cristino Castro & Irmão, conduzido pelo motorista PedroBatista, no qual viajaram, além de Alcebiades Moraes, graduados representantes da firmapromotora do evento e convidados.

Tanto o povoado de Nova Lapa como a cidade de Bom Jesus receberam, com festa, o primeiroveículo automotivo que chegava àquelas distantes paragens. Foi um sucesso absoluto a inauguração daestrada, tanto mais porque a notícia de que seriam instaladas filiais da firma C. C. & Irmão emNova Lapa e Bom Jesus significava que o progresso estava chegando.

Comprovando esseentendimento havia o fato de o sr. Arsênio Santos, prestigioso chefe político local, ter aceito ser ogerente de uma filial da firma que seria aberta em Bom Jesus.

Com esse gesto, o sr. ArsênioSantos demonstrava o interesse despertado pelo empreendimento e ao apreço àqueles que sedispunham a investir no desenvolvimento da região. Cientificado do acontecido, o InterventorLandri Sales, em Teresina, manifestou seu apoio às perspectivas ensejadas de devassamento econquista da rica e promissora região do sul do Piaui, ligando-a à Capital do Estado.

Em condições normais, a viagem poderia ser feita em um dia e meio, ou dois dias, no verão, eem mais dias, nas estações invernosas. Durante o inverno, eram temíveis os lugares Sapé, nomunicípio de Floriano, e Calháus, em Bom Jesus, em razão dos "atoleiros" ali existentes. Ou,como ocorria durante o verão, nos areais do Meladão e Espírito Santo, difíceis de seremultrapassados e onde quebravam-se muitos caminhões. Outro obstáculo de grande porte era aladeira do Angico Branco, com cerca de 360 metros de altitude e terreno escorregadio duranteoinverno, obrigando os caminhoneiros a reduzirem a carga dos caminhões e colocar correntes nospneus para evitar delisamento. Próximo à ladeira do Angico Branco, no lugar de nome Puçá, depropriedade do sr.Aurino Nunes, era onde morava uma pessoa muito conhecida chamada JoséFlôr, por todos estimado e prestimoso hospedeiro dos que ali trafegavam e/ou pernoitavam, antes de chegarem ao povoado de Jacaré.

A falta de infra-estrutura e apoio logístico para os viajantes e para os veículos dificultavaenormemente as viagens. Contudo, a hospitalidade natural dos proprietários ou dosencarregados das fazendas percorridas amenizava a falta de pensões, o que só muito tempodepois podia ser encontrado no lugar Jacaré, de propriedade de dona Jovina. No percursogeralmente os caminhoneiros levavam mantimentos e as refeições eram à base de carne sêca,de gado, a famosa "mariaisabel", carne de animais silvestres abatidos, por serem encontradiçosna região, aves, feijão, frituras e/ovos.

A manutenção dos veículos era precária, quase inexistente, reduzindo-se àquelas peças de maisfácil reposição.

O vale do Gurguéia, sujeito a inundações frequentes no período de chuvas, é muito fértil edadivoso. Possui clima temperado e ameno, e solo de formação adequada a vários tipos

delavoura. Os ricos mananciais de água, àquela época quase todos com água corrente o ano todo,completavam um sistema formado por brejos com terrenos propícios à plantação de arroz, cana-de-açúcar e outras espécies hidrófilas. Eram abundantes nestes locais os buritizais, umapalmeira da família das lepidocaríneas (mauritiavinifera), de belo porte altaneiro e gracioso, e degrande utilidade, assim como outras espécies: bananeiras, laranjeiras, limoeiros, abacateiros, eoutras, da melhor qualidade, sem que fôsse necessário a utilização de qualquer adubo oudefensivo agrícola contra as pragas ali inexistentes.

Os terrenos mais altos e imensas chapadas e caatingas prestavam-se muito bem à criação degado, com rebanhos sadios e de bom tamanho e peso, se comparado com o do agreste, eramvendidos em boiadas em outras praças. Esses lugares também se prestavam à plantação damandioca e do algodão de excelente qualidade, cuja fibra era comparada com a de Seridó, noRio Grande do Norte, onde se produzia algodão muito procurado e da melhor cotação entre oscompradores estrangeiros.

A flora, rica e densa, acobertava os mananciais de água pura e cristalina, sem qualquer índice depoluição; a fauna, exuberante e variada, destacando-se o veado, a capivara, o caititu, o tatú, otamanduá; entre os répteis, jacaré, jibóia, sucuri, e os ofídios, cascavél, jararaca, coral; dentre osfelinos, o gato do mato, cuja pele era muito procurada e valorizada, inclusive para exportação,onças, nas variedades pintada, sussuarana e preta, as quais, de tão numerosas e bravias,enriqueceram o folclore da região, onde eram conhecidos os contadores de estórias de onçasque atacavam animais e pessoas, assim como ficaram famosos os matadores de onças, osquais contavam, como vimos, estórias realmente fantásticas que passavam a correr de pessoa apessoa.

Dentre as aves, a ema selvagem, o jacú, a seriema, as araras, com plumagem de rara beleza,revoavam aos bandos de um lado para o outro.

A esse tempo não se sabia da existência de um lençol freático de grandes proporções no subsolocorrespondente ao povoado de Nova Lapa, o que só mais tarde foi detectado e descoberto.

Porém, a riqueza do vale do Gurguéia era um fato incontestável e a sua conquista seapresentava como um misto de temor do desconhecido e de esperança.

3. - O notável trabalho feito pelos empregados da firma C. C. & Irmão na conquista edesenvolvimento da região do Gurguéia.

Fazer o devassamento e promover o desenvolvimento daquela região promissora,incorporandoà economia do Piauí uma nova fronteira, a partir de Floriano, foi o grande desafio a querespondeu a firma Cristino Castro & Irmão, ao investir maciçamente recursos próprios numprojeto grandioso, é verdade, porém, cheio de riscos, os quais se revelaram bem maiores do queseria tecnicamente possível prever.

A firma Cristino Castro & Irmão organizou uma equipe de funcionários competente e dedicada, àaltura do desafio com que se defrontava. Numa homenagem aos que trabalharam desde o iníciodessa arrancada histórica, citaremos os nomes daqueles que mais se destacaram, a começarpela loja Matriz, em Floriano: Pedro Nunes, guarda-livros, Raimundo Nascimento, Manoel Alvesde Almeida, João Ribeiro (Jóca), auxiliares, e Alda Ferreira de Castro, arquivista. Comobalconistas, Vicente Duarte Franco, José da Costa Nunes, Joaquim Brasileiro, Joaquim Noleto,Manoel de Souza Santos, o qual, mais tarde, bem sucedido no ramo imobiliário do Rio deJaneiro, elegeu-se deputado federal pelo Piauí.

Na filial de Nova Lapa, encontravam-se à frente dos negócios da firma, os srs. Raimundo Neivade Souza, gerente, Abdoral Bandeira de Araújo, auxiliar. Em Bom Jesus, o gerente era o sr.Arsênio Santos, tendo como auxiliares, Dario Martins, Maria Santos e outros.

Como incentivo à produção, na falta de bancos para efetuar os financiamentos necessários,coube à firma C. C. & Irmão fazê-lo, após promover um levantamento dos pedidos e selecionar aclientela, a fim de assistí-la com recursos financeiros próprios. Sob a modalidade de empréstimo,numa operação conhecida como a venda do produto na "folha", que substituia o penhor legal, oprodutor dava em garantia do financiamento a produção futura.

Esta operação tinha um efeito vinculatório antes de aspecto moral do que jurídico, porém, comoera realizada entre pessoas conhecidas, os riscos eram pequenos e os compromissos honradossem maiores dificuldades. A procura foi grande, para todos os fins, e dentro de pouco tempohouve um aumento extraordinário da produção e circulação da riqueza, na melhoria daspropriedades e no aumento da arrecadação de impostos locais e estaduais.

Disposta a evitar a venda dos produtos in natura, sem o beneficiamento industrial, a firma C. C. &Irmão fez a importação de uma caldeira 50 h.p. da Inglaterra, a ser instalada em Nova Lapa, euma máquina de descaroçar o algodão, montou prensa para fazer os fardos de algodão, além deuma outra máquina para o beneficiamento do arroz produzido no município. Coube-lhe aindaefetuar a montagem de um gerador de corrente elétrica com o qual, depois de estender a redeelétrica no povoado, propiciou o abastecimento de luz e força para o povoado de Nova Lapa.

Com imensa dificuldade essa caldeira foi transportada de Floriano a Nova Lapa, num caminhãoFord novo e possante, adquirido para esse fim, o qual foi dirigido pelo motorista FernandoGuapindaia, sendo o encarregado dessa operação o sr.Alcebidades Gomes de Morais, que, aesse tempo, trabalhava para a firma, além de outros ajudantes.

A parte de construção civil, foi executada pelo Mestre José Mateus, vindo de Floriano, e a demarcenaria, feita por Joaquim Pereira (Tunga), os quais estiveram à frente de quase todas asobras de interesse da firma, em Nova Lapa e Bom Jesus, com os demais operários quenecessitaram.

A maquinária trazida foi montada pelo técnico de nome José Bertoldo e, posteriormente, aassistência era dada pelos maquinistas José Nogueira (Zézinho) e Dóca (Raimundo) Pereira,além de outras pessoas, seus auxiliares.

Por igual aconteceu na cidade de Bom Jesus, sede do Município e da Comarca. Face à grandeprodução de algodão e de arroz, tornou-se necessário outra usina para o beneficiamento pelafilial de Bom Jesus, a Filuz, sendo o encarregado da parte técnica do empreendimento, o sr. JoséBertoldo, que ali passou a residir por muitos anos.

Em Nova Lapa, foi aberta uma farmácia sob a responsabilidade do farmacêutico João Paz deAraújo, o qual depois se incorporou à vida da cidade, onde constituiu família. De Bom Jesus,vinham semanalmente os médicos José Pires Costa, a serviço do Estado, e Raimundo SouzaSantos, este filho da terra, que a serviu por toda a vida, prestavam assistência médica àpopulação.

4. - Nova Lapa e Bom Jesus tornam-se o centro do progresso na região. A população satisfeitaexulta com a melhoria da qualidade de vida que desfrutava.

Era a explosão do crescimento econômico que trazia o progresso e o bem estar social àquelesdistantes rincões do Gurguéia, com a instalação de bares e sinuca, geladeiras, rádios, etc.

A alma do povo extravasava de alegria como se recolhe dos versos improvisados pelo trovadorsertanejo José Cordeiro, convertido em música tocada e cantada, que se tornou célebre nasreuniões ou festas populares. Dizia ela:

Cristino Castro comprou um motor
tocado a vapor para o algodão
Agora mesmo ninguém mais se enrasca
com arroz em casca pilado em pilão.

Estribilho

Eu digo, eu digo, eu juro,
quem comprar no seu Cristino - bis.
Põe o dinheiro no seguro.

II

Ferragens bôas e tecidos finos
só em seu Cristino pode encontrar,
Sabão germano, pomada Suzano
Cascavel cana só na filial.

III

Em Nova Lapa a coisa mudou
desde que chegou esta filial
Tecidos verde, preto e amarelo
tudo quanto eu quero tem na filial.

IV

Nova Lapa daqui mais uns anos
não tem Floriano que lhe vá no rastro,
Alerta, alerta pessoal querido,
comprar barato só em nossa filial.

Havia motes interessantes, outros irreverentes. Sobre os trabalhos dos pioneiros da usina deNova Lapa e o chefe desse serviço, o famoso e valente Militão...

A prensa de Nova Lapa
é uma prensa sem tensão
Só não trabalho nela
mode o negro Militão.

O progresso do povoado de Nova Lapa despertou rivalidades com Bom Jesus, sede doMunicípio, nos versos do trovador José Cordeiro, relembrados pela professora Delzuite da Silva
Alencar, como segue:

Tai! Nova Lapa é a jóia do Piauí
que em breve passará de povoado a vila
Bom Jesus é o bebê mais feio
que Nova Lapa alimentou no seio.
Há muitos anos lhe serviu de ama
somente agora tirou-lhe a mama - bis

II

Tá bom, Bom Jesus está chorando à tôa
está doente e eu não sei se escapa
Pois perdeu, pois perdeu
oscobrinhos de Nova Lapa.

III

Tai! O Gurguéia é a riqueza disto aqui
vamos todos unir a nossa voz
E dar um viva, dar um viva
para o nosso Cristino Castro.

Com o aumento extraordinário dos bens produzidos em Nova Lapa e Bom Jesus, fez-senecessário dar prioridade ao seu escoamento. E a única via de transporte factível era orodoviário, em estradas carroçáveis precárias ou em lombo de animais, o que se tornouimpraticável para o algodão. É que os fardos de algodão prensados, volumosos e pesados sópoderiam ser transportados em caminhões. Certa vez houve uma tentativa de efetuar otransporte desses fardos de algodão por via fluvial, no rio Gurguéia, num período de cheia. Foium desastre total. As balsas feitas de talos de buritis, amarrados em blocos bem juntos, cobertospelas folhas da mesma palmeira em forma de casa com 2,5 metros de altura por 8 a 10 metrosde comprimento, agasalhavam um número razoável de fardos de algodão. porém,ao seremsoltas na correnteza do rio, elas se transviaram para fora do leito e os fardos terminavam sedesprendendo, e perderam-se na correnteza. Os que sobraram, chegando ao destino, restavamimprestáveis em razão da cor de barro avermelhado que tinge nas enchentes as águas do rioGurguéia.

Daí, a firma respondeu ao desafio, inicialmente, contratando os serviços de váriioscaminhoneiros, dentre eles, os de propriedade de Alcino Guerra, Benedito Pinho, Sinhô Rocha eCaetano Costa. Depois, adquirindo uma frota de 12 caminhões, das marcas Ford e Chevrolet,destinados ao transporte e escoamento dos bens produzidos em Nova Lapa e Bom Jesus, eadjacências.

Os caminhões recém-adquiridos, foram as vedetes de um novo ciclo civilizatório e econômicodaregião, onde a maioria das pessoas nunca tinham visto um deles, e os motoristas, os protagonistas dessaestória, assim como antes deles, tiveram a vez os "caixeiros viajantes" e, antes, os vaqueiros, nachamada "civilização do couro", de que nos fala Capistrano de Abreu, ao estudar a conquista dosnossos sertões.

À essa época, alguns motoristas de caminhões da firma Cristino Castro & Irmão se tornaramlegendários, pela competência ou coragem e habilidade com que dirigiam as suas possantesmáquinas. Eram eles: Pedro Bezerra, Fernando Guapindaia, Ricado, vulgo Massa Bruta,LourivalAraújo, que se tornou prefeito de Eliseu Martins, Artur Silva, Elizeu Oliveira, Antonio Pinho, LucasCarneiro, Pedro Batista, dentre outros.

Crispim Bezerra e seu irmão Sebastião, foram os responsáveis pela oficina de manutenção dosveículos, em Floriano.

De acordo com o trovador popular, os índices de progresso experimentado por Nova Lapaameaçavam num futuro próximo a liderança de Floriano, tida com justiça como a capitaleconômica do sul do estado.

Durante alguns anos tudo transcorreu dentro do previsto. A região se desenvolveu apósexperimentar uma fase de progresso constante: houve expansão das áreas cultivadas e aumento extraordinário da produção, com a incorporação dos povoados de Santa Luz ePalmeiras (atualmente Municípios independentes) e outros, interligados por estradas vicinais; ospecuaristas viram crescer os seus rebanhos; houve maior circulação da riqueza; aumentou aarrecadação dos impostos recolhidos pela Fazenda Pública, local e estadual. Em consequência,o padrão de vida da população melhorava sensivelmente, em todos os setores.

A firma Cristino Castro & Irmão era a financiadora e compradora de toda a produção, a qual eravendida para outras praças do país e para o exterior, especialmente o algodão, as pelessilvestres, assim como a cera de carnaúba, esta produzida em Floriano. As divisas obtidas eramaplicadas na importação de produtos industrializados, máquinas, peças, ferramentas, tecidosfinos, linho S-120, cimento, ferro, etc., pois, era uma das especialidades da firma Cristino Castro& Irmão.

O ano de 1939, contudo, foi dramático. Dois acontecimentos da maior importância trouxeramconsequências danosas para a empresa. O primeiro foi que Cristino contraira uma febre palúdica- a malária, obrigando-o a afastar-se dos negócios da firma e buscar socorro médico em outroslugares, indo a Simplicio Mendes, onde esteve com o dr. Isaias Coelho, depois foi a Salvador,Bahia, e, em seguida, ao Rio de Janeiro, onde se demorou.

O outro acontecimento adveio com o início da 2a. Guerra Mundial, face às graves consequênciastrazidas para o comércio exterior do país, determinadas pelo estado de beligerância contra asforças do eixo, constituídas pela Alemanha, Itália e Japão, este país, grande comprador dealgodão do Brasil.

Em razão disso, naquele ano a firma Cristino Castro & Irmão estocou quase toda a produção dealgodão em pluma, peles silvestres e cera de carnaúba, artigos estes mais cotados no exterior.

Não vendeu nada e importou muito pouco em relação aos anos anteriores. As firmascompradoras de Parnaiba, como a Roland Jacob e Casa Ingleza e outras do Ceará,suspenderam as compras desses produtos porque estavam também impossibilitadas de exportá-los,face ao conflito declarado naquele ano.

Sem embargo disso, havia a exigência de manter financiamento aos produtores da região. Asituação tornou-se dramática em pouco tempo, pois, o único estabelecimento bancário existenteera o Banco do Brasil S.A., em Floriano, já com as suas linhas de crédito esgotadas.

Para fazer uma avaliação da crise com que se defrontavam e poder tirar uma posição em relaçãoa ela, os sócios da firma C. C. & Irmão, juntamente com os membros da Associação Comercialde Floriano, representada pelos senhores João Viana de Carvalho, presidente, Salomão Mazuad,Calisto Lobo, José Conrado Andrade Sobrinho e João Luiz da Silva, e mais os senhores BentoLeão, representando o Banco do Brasile a Casa Ingleza, o sr. Roland Jacob, credor majoritário, acompanhado do advogado PedroOliveira, reuniram-se na casa do sr. José Demes, um grande sótão contíguo ao prédio ondefuncionava também o seu estabelecimento comercial.

Dita reunião se destinava à discussão e escolha de uma melhor fórmula capaz de evitar umdesfecho dramático para a firma C. C. & Irmão, uma das mais importantes do Piauí, sediada em
Floriano, que se encontrava em dificuldades. Na ocasião, os sócios Cristino e Agripino Castro,assistidos por seu irmão, coronel Raimundo Mamede de Castro, fizeram uma exposiçãodetalhada da situação da firma, acompanhada do levantamento contábil demonstrativo daposição financeira e patrimonial da empresa que dirigiam. Historiaram as dificuldades existentesem face do cancelamento dos contratos de venda do algodão e outros produtos no exterior,especialmente, após a deflagração da 2a. Grande Guerra e do estancamento de novosfinanciamentos por parte do Banco do Brasil, principal agente financiador da produção e docomércio.

Discutido o assunto por longas horas, e na falta de outra alternativa, com o aporte de novosrecursos financeiros, aqueles homens experientes chegaram à conclusão de que tudo indicavaser o requerimento de uma moratória o melhor caminho a ser seguido, enquantopermanecessem as condições advindas com a deflagração da 2a. Guerra Mundial. Umaconcordata preventiva foi ajuizada por C. C. & Irmão, deferida e aceita pelos credores, à frentedeles a firma Roland Jacob, de Parnaiba.

Contudo, de quase nada adiantou. A guerra prosseguia, com características de envolvimentototal entre as forças e conflito por um grande período de tempo, como de fato ocorreu, e, o pior, orequerimento da concordata preventiva da sua empresa trouxe consequências irreparáveis paraa saúde de Cristino Castro, chefe da firma e principal responsável por seus compromissos diantedos credores e da própria sociedade onde eram os sócios pessoas muito respeitadas. Tendo deausentar-se para tratamento de saúde, Cristino Castro, juntamente com sua mulher, outorgaramprocuração ao seu irmão Raimundo Castro para representá-los em todos os atos necessários,ficando à frente dos negócios da firma C. C. & Irmão o sócio Agripino Raimundo de Castro.

Num procedimento que, a partir de uma análise objetiva e criteriosa dos fatos, dentro de umaperspectiva histórica, poderia apontar para uma perda de controle de situação, deveras complexae difícil para se dizer qual a melhor solução à época, o sócio Agripino

Raimundo de Castroingressou em Juizo, na cidade de Floriano, requerendo a dissolução judicial da sociedadecomercial Cristino Castro & Irmão, no dia 04 do mês de abril de 1940. Face à argumentação dopedido, o Dr. José de Sales Lopes, Juiz de Direito da Comarca de Floriano, decretou adissolução da firma, nomeando liquidatário o sr. João Menezes Macêdo, pessoa de bom conceitona cidade.

O que se seguiu depois foi uma longa história de denúncias, mal entendidos, questões judiciaisinterminâveis, sobretudo o malbaratamento de um grandioso patrimônio, tanto da sociedade comercialcomo particular de seus sócios, destinando-se os bens, a preço reles, ao pagamento, até oúltimo centavo, das dívidas aos credores e às despesas efetuadas.

Para ser fazer uma idéia da animosidade e dos prejuizos advindos com a liquidação da firma C.C. & Irmão, basta ver cópia de um documento da época, em nosso poder, datado de 19 desetembro de 1940, dirigido ao Exmo. Senhor Interventor do Estado do Piauí, Dr. Leonidas deCastro Melo, como segue:

"A Corporação Agro-PecuáriaNovalapense, composta de Agricultores, Criadores e Profissionaisde Indústrias Conexas deste município de Bom Jesus, vem, por meio de seus representantessuplicar vossa interferência em favor da firma Cristino Castro & Irmão, de Floriano, noconcernente às usinas de beneficiamento de arroz e algodão, localizadas em Nova Lapa e BomJesus.
"Ditas usinas, cujas instalações transformaram a inércia ambiente num campo de atividadeagrícola digna dos maiores elogios e continuavam a prometer dias das mais dilatadasesperanças à lavoura e à vida econômica do Município, estão ameaçadas,... Estas famílias a quem ontem o sr. Cristino Castrosacrificou tudo quanto possuia a fim de lhes garantir e proporcionar um ambiente confortante epróspero, estas mesmas famílias são quem hoje por nosso intermédio, num gesto espontâneo degratidão, rogam instantemente a V. Excia. interferir em favor do seu benfeitor e leal amigo, afimde não lhe ser arrebatado o único recurso, que são estas usinas. Foram gastos em suasinstalações cerca de quatrocentos mil contos (400.000$) de réis, ao câmbio de 6 e hoje umafirma estrangeira, abusando de sua abastança, a quer comprar de um brasileiro que tudo vemfazendo para o nosso bem, pela insignificante quantia de 49.000$!""Por isso que a Corporação Agro-Pecuária deste Município, antevendo o abismo que ameaçatragar suas esperanças, apela para vossa interferência em pról do fundador do nosso campo delavoura. O sr. Cristino Castro a quem o meio agrário deve tudo quanto é e quanto tem. Não lhedeve só a prioridade da produção, mas todo surto de seu progresso atual, inclusive o amparopaternal e amigo que desde o começo vem prestando a milhares de pobres lavradores."

À sua vez, o depoimento prestado por Crispim Bezerra, então chefe do setor de manutençãodosveículos da firma C.C. & Irmão, dá-nos uma idéia do malbaratamento dos bens a elapertencentes, quando diz haver comprado 8 (oito) caminhões por 8 contos de réis, sendo: 5caminhões em bom estado e 3 completamente danificados. E que o prof. João Menezes,liquidante da firma, o incentivou a dar o lance e adquirir os carros, o que terminou sendo umótimo negócio para ele Crispim. Dezenas de outros exemplos poderiam ser relembrados aqui.

Enfim, o que passou, passou, e hoje pertence à história. O que restou de mais importante, postoà parte o imenso sofrimento pessoal e familiar provocados, foi uma comovente lição de vida e detrabalho a serviço de um ideal, o que poderá servir como exemplo às gerações futuras.

6. - O que veio depois. Dois projetos de colonização foram implantados no sul do Piauí. O que opovo espera: Projeto Integrado de Aproveitamento do rico vale do rio Gurguéia.

Com a liquidação da firma Cristino Castro & Irmão, acabou-se a primeira experiência válida deconquista e desenvolvimento do vale do rio Gurguéia, levado a efeito por uma empresa privada.

Depois dela, as atenções se voltaram para o Vale do Parnaiba, do qual o rio Gurguéia étributário, fazendo parte da região do meio-norte de maior potencialidade, capaz de resolver os problemas dos habitantes das áreas das secas com aexpansão das fronteiras agrícolas e pecuarias do nordeste brasileiro.

A principal riqueza do Vale do Parnaiba continua sendo ainda as terras e o clima. Em 1957, umrelatório do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, então dirigido peloeconomista Celso Furtado, já preconizava a idéia de estender as fronteiras agrícolas do sertãoem direção ao meio-norte, como solução para as comunidades instaladas nas manchas dassecas. De todos os projetos apresentados para a valorização do vale, o que causou maiorimpacto até agora foi o relatório elaborado pelo Grupo de Trabalho para Estudos sobre oAproveitamento Integrado do Vale do Parnaiba, constituido em 1966 pelo Presidente CasteloBranco. O Polonordeste retomou todos os estudos e preparou mais um projeto sobre oaproveitamento da região. No entanto, Clovis Cavalcanti, um economista do Instituto JoaquimNabuco, advertiu que sem investimentos maciços em infra-estrutura, as tentativas dedesenvolvimento poderiam vir a fracassar agora como fracassaram no passado. Relembrou quehá 37 anos, um pioneiro, Cristino Castro, montou no sul do vale uma usina de beneficiamento dealgodão. Como não havia estradas, a fábrica foi à falência. Hoje, às margens do rio Gurguéiaexiste um município com seu nome, em homenagem ao seu ambicioso sonho.

O engenheiro agrônomo José Eduardo Bezerra, que esteve dirigindo os trabalhos de implantaçãodo Perímetro Irrigado do Gurguéia, dizia que a fertilidade do vale é realmente impressionante. Alémdisso, o lençol de água subterrâneo é um verdadeiro tesouro escondido na terra. A menos de 10quilômetros das obras do perímetro, um poço cavado com extrema facilidade deixa a água jorrarcom uma pressão tal que o jato atinge 60 metros de altura, com uma vazão de 930 mil litros porhora, volume que seria suficiente para abastecer uma cidade de 150 mil habitantes. Este poço,chamado Violeta abriga, segundo os cálculos, um lençol de mil metros de profundidade. Em todaa redondeza as raras colônias agrícolas que se instalam recorrem aos poços e a pressão daágua é tamanha que às vezes um só poço serve para toda a comunidade... Bezerra diz aindaque a água do lençol é pura, sem sais, quase igual à chuva, boa para qualquer tipo de solo. (7-A).

Como a população do vale ainda é realmente muito atrasada, os modelos a serem implantadosna região têm de sofrer uma adaptação inteligente.

Em 1959, o Presidente Juscelino Kubistcheck de Oliveira assinou o Decreto nº 45.219, criando oNúcleo Colonial do Gurguéia a ser implantado numa área de 24.263 hectares nos municípios deEliseu Martins e Cristino Castro, sendo nomeado o engenheiro agrônomo florianense AgostinhoReis, funcionário do Inic, para dirigir referido Núcleo Colonial no Estado do Piauí.

Era uma iniciativa do governo federal para a região, coroando os estudos que vinham sendorealizadosaté então, e tinha como principal patrocinador S.Excia. Revdma. Dom Avelar Brandão Vilella,Arcebispo de Teresina, com o apoio do Goverandor do Estado, General Gaioso e Almendra,profundo conhecedor da região.

Durante mais de uma década à frente do Núcleo Colonial do Gurguéia, o agrônomo AgostinhoReis conseguiu realizar um importante trabalho: edificou a infra-estrutura do Projeto construindotoda a parte administrativa e residencial com Posto de Saúde, Cooperativa, Grupos Escolares,Armazens, Abastecimento d'água, moderno hotel com vinte apartamentos, Agência PostalTelegráfica, aeroporto pavimentado, centenas de residências para colonos, o Ginásio doGurguéia, típico ginásio da comunidade e Escola Agro-Técnica, única da região.

Pela Resolução nº 40, de 19/02/79, o INCRA declara emancipado o Núcleo Colonial dogurguéia,o qual pela Lei Estadual nº 477, de 29/04/1992, adquire autonomia com o nome de MunicípioColônia do Gurguéia. Num excelente trabalho editado em 1995, sob o título - "Gurguéia: o Valeda Esperança. A maior bacia artesiana do mundo", o engenheiro agrônomo Agostinho Reis fazum relato histórico de sua atuação à frente do Núcleo Colonial do Gurguéia, no Piauí, umaexperiência vitoriosa de colonização realizada pelo INCRA, órgão do Governo Federal.

Um outro empreendimento válido, em menor escala, foi o realizado pelo Padre Anchieta MauricioCortez, então vigário da paróquia de Eliseu Martins, quando criou o Núcleo Colonial Aliança doGurguéia nas fazendas "Boiadeiro","Várzea Grande", "Taquari", com terras adquiridas mediante empréstimo feito ao Banco do Brasil.

É um modelo diferente de colonização que valoriza o esforço cooperativo, com inspiração nokibutz israelense. Cada família mora em casa de alvenaria, tem luz elétrica, escola, alojamentospara professores, postos de saúde, poços jorrantes e uma pecuária explorada segundo ummétodo extremamente original. Cada família tem seu gado próprio, para leite e corte. PadreAnchieta ensinou ainda aos habitantes do núcleo a trabalhar em regime de cooperativa. Aexperiência deu tão certo que os próprios técnicos do governo se interessaram pelos métodospráticos postos em execução pelo Padre Anchieta, como protagonista de uma nova propostasocial de colonização no Gurguéia.

Com a autonomia política e administrativa adquirida mediante lei estadual, os Municípios deCristino Castro e Colônia do Gurguéia assim como antes deles, Floriano, antigos núcleospopulacionais de origem diversificada, ao assumirem a forma de entes públicos locais de sistemafederativo brasileiro, substituiam o modelo inicial, que se esgotou, por um outro capaz depropiciar os recursos necessários ao desenvolvimento sustentado dessas comunidades. Porém,as populações dos Vales do Parnaiba e do Gurguéia querem bem mais, do que isso. Queremque seja posto em prática um Plano Integrado de Aproveitamento do imenso potencial derecursos existentes em benefício das populações do Nordeste brasileiro.

Segundo o geólogo Aldo da Cunha Rebouças, presidente da Associação Brasileira de ÁguasSubterrâneas, somente no Piauí, o reservatório hídrico sob a terra é superior a quatro vezes aoda Baia de Guanabara. No Polígono das Secas, chove uma média de 400

a 700 milímetros porano. Sete vezes mais por exemplo, que na Califórnia, uma das regiões de agricultura maisdesenvolvida do mundo. A diferença está no gerenciamento desses recursos. À sua vez ogeólogo João Alberto Botura, pesquisador da Seção de Águas Subterrâneas do Instituto dePesquisas Tecnológicas paulista, que trabalhou nos últimos vinte anos em cerca de vinte projetosde estudos de águas subterrâneas no Nordeste e um para extrair água no Deserto do Saara,este, o único aproveitado, está ajudando ao presidente MuammarKhadafi transformar o desertolíbio em um pomar, ao reafirmar a viabilidade do projeto feito para o Nordeste, bate duro, edepõe: "O Nordeste tem pesquisas e conhecimento suficientes para otimizar o uso dos recursoshídricos disponíveis. O que falta é a decisão política de aproveitá-los". (8)

III - Homenagens - a criação do Município de Cristino Castro

História

A atual cidade de Cristino Castro tem sua origem ligada ao ano de 1898, quando o SenhorRaimundo Ribeiro da Silva, residente no lugar denominado "Caatinga dos Porcos", levado porsentimento de religiosidade, trouxe da cidade baiana da Lapa uma imagem do Senhor BomJesus da Lapa, em honra de quem erigiu uma humilde capela de palha, em torno da qual sedesenvolveu a povoação. Quatro anos após a construção da referida capela, a população localassistiu um ato que se revestiu de grande brilhantismo e entusiasmo, ao batismo da imagemlevado a efeito pelo Padre Elias Cesar Cavalcanti, Vigário de Corrente, o qual, na ocasião,prestando uma homenagem ao Senhor Bom Jesus da Lapa, padroeiro do lugar, mudou o nomeda povoação para Nova Lapa. Foi um dia festivo que deixou profundas raízes nos corações dosfiéis, renovando-lhes a fé.

As atividades agrícolas deram impulso ao núcleo banhado pelo rio Gurguéia, que se expandiurapidamente.

Em 1953, elevado a Município, recebeu a denominação de Cristino Castro, em homenagem aoprimeiro industrial estabelecido na região, com lavoura de algodão e arroz. (9)

Localização

O Município de Cristino Castro está situado na Zona Fisiográfica do Alto Parnaiba, dista dacapital estadual 590 quilômetros; 362, de Floriano; 36 de Bom Jesus; 159, de Caracol e 1.156 deBrasília.

Área e Limites

A área do município é de 1744 quilômetros quadrados, e a sua sede, a 240 m de altitude, temsua posição geográfica determinada pelo paralelo de 8º 49' 26" de latitude sul em sua interseçãocom o meridiano de 44º 13' 26" de longitude oeste. Limita-se ao norte pelos Municípios deManoel Emidio e Eliseu Martins; ao sul, pelos de Santa Luz e Caracol; a Leste, pelos de EliseuMartins e Canto do Buriti; a oeste, pelos de Manoel Emidio e Palmeira do Piauí.

Clima

O clima é temperado, sendo um dos melhores do Estado, observando-se as seguintestemperaturas em graus centígrados: média das máximas 28º C, na primavera (setembro aoutubro), enquanto o inverno (junho e agosto) é mais ameno, com média entre 21 a 22º C. Operíodo chuvoso estende-se de novembro a março, época na qual se concentram,normalmente,85% do total anual das chuvas, situando-se os totais pluviométricos em 700mm anuais.

Formação Administrativa

O Município de Cristino Castro foi criado pela lei estadual nº 894, de 29/10;53. Instalado em01/06/1954, desmembrado do Município de Bom Jesus.

Organização Judiciária

O Termo foi criado em 29 de outubro de 1953 e a Comarca em 12 de dezembro de 1979, de1a.entrância.

Atividades Econômicas

Agricultura, pecuária e comércio.

Vegetação

Caatinga com elementos do cerrado. Buritizais.

Representação Política
A Câmara Municipal é constituída de 7 vereadores.

Aspectos Culturais, Sanitários e Sociais

O Município possui um ginásio, Aglaíres Martins da Rocha e o Colégio Triunfo: pedagógico econtabilidade, na sede da cidade. No interior, 20 unidades escolares, com 100 professores.

Possui, na sede, um hospital em fase final de construção, um centro de saúde e 05 postos desaúde, no interior do município. O Município é beneficiado pelos Programas Proterra,Polonordeste, Provárzeas, Profir, Prohidro, Promicro e Promunicípio. Tem assistência da Emater-PI, LBA. Representações: do FUNRURAL. Escritório da AGESPISA - Águas e Esgotos do PiauíS. A., ECT e Posto Avançado do Banco do Brasil S. A.

Transporte

O Município é servido pela rodovia federal BR-135, e por rodovias municipais.

Turismo

- Os Poços de Água, muito frequentados pelos munícipes vizinhos. Entre eles, o situado emVioleta, que mede cerca de mil metros de profundidade e tem vazão de novecentos mil litros porhora.
- A Festa de Bom Jesus da Lapa, Padroeiro do Município, com início a 28 de julho a 6 de agosto,é muito concorrida e oferece inúmeras diversões.

Prefeitos

Alcino de Carvalho Guerra, 1º prefeito eleito, período 1954-58, Vice - Airton Joaquim de Oliveira;Airton Joaquim de Oliveira, 1956-62, Vice - Raimundo Borges Leal; José da Silva Martins, 1962-66, Vice - Humberto da Fonseca Benvindo; Humberto da Fonseca Benvindo, 1966-70, Vice -Enéas Martins de Sousa Rocha; José da Silva Martins, 1970-72, Vice - Severino Batista deSousa; Petronio Martins Falcão, 1972-76, Vice - Cira Soares Campos; Airton Joaquim de Oliveira,1976-82, Vice - José da Silva Martins; Petronio Martins Falcão, 1982-88 - Vice - Antonio JoséMartins; Engenheiro Civil Verival Martins Vasconcelos, 1988-92, Vice - Maria do Socorro AraujoBenvindo; Petronio Martins Falcão, 1992-96.

2 - Festividades do 1º Centenário de nascimento de Cristino Castro

O Município de Cristino Castro comemorou, com uma festa histórica, os 100 anos de nascimentode seu patrono - Cristino Raimundo de Castro. A comemoração, no dia 24 de julho de 1991,contou com a presença de três gerações do homenageado, e numerosas personalidades domundo político, social e empresarial.

O Prefeito da cidade, Engenheiro civil Verival Martins de Vasconcelos, do PFl, soube dar o devidovalor a um pioneiro ilustre. A solenidade de entrega de medalhas, da qual participaram odeputado estadual Fernando Monteiro e prefeitos da região, aconteceu em cerimônia ao ar livre,em frente a Prefeitura.

Durante a sessão solene de entrega das medalhas de honra ao mérito, discursaram, além do PrefeitoVerival Vasconcelos, o filho mais velho do homenageado, Francisco Ferreira de Castro (eleprópriо já foi deputado, trabalhando pelo município, vice-governador do Estado, e atualmente éprofessor de Ciência Política, na UnB (Universidade de Brasília). Houveram ainda váriasatividades alusivas ao centenário, como torneio de futebol e concurso de redação sobre a vida dohomenageado.

Na Igreja Matriz, foi celebrada missa em ação de graças, oficiada pelo Senhor Bispo da Prelaziade Bom Jesus, Dom Ramon Lopez Carrozas. Após a missa, foi servido coquetel na churrascariaBelo Monte e, na sequência, festa do Clube Mandacarú.

O povo de Cristino Castro participou ativamente de toda programação em homenagem aopatrono da cidade.

Os homenageados

Os homenageados com medalhas do mérito foram as seguintes personalidades:
1º - Modesto José Ribeiro - Pós-mortem - O primeiro morador e fundador do Povoado, construtorda 1a. Capela da Igreja Católica. Rep. por Maria das Neves da Silva Ribeiro.
2º - Alcebiades Gomes de Morais - Pós-mortem - Construtor da estrada carroçável ligando oPovoado de Nova Lapa e Bom Jesus à cidade de Floriano e à Capital do Estado.
3º - Arsênio Marcos de Sousa Santos - Pós-mortem - Chefe político em Bom Jesus, a quem oPovoado pertencia. Era prefeito de Bom Jesus e gerente da Filial-Filuz.
4º - Raimundo Neiva de Sousa - Pós-mortem - 1º gerente da firma Cristino Castro & Irmão nopovoado de Nova Lapa.
5º - Dr. Francisco Ferreira de Castro - Deputado, batalhou pela emancipação política doPovoadode Nova Lapa, na Assembléia Legislativa do Estado, onde foi líder da bancada majoritária daUDN.

6º - Professora Josefina Demes, historiadora conceituada, residente em Floriano, autora devários trabalhos sobre a região.
7º - Claudionor Augusto Dias - Pós-mortem - Político combativo. Advogado provisionado emédico. Vereador. Autor do projeto de lei de emancipação do Povoado. Rep. por seu filho, juizWilliam Palha Dias.
8º - Bernardino Pinheiro - 1º Prefeito por nomeação do Município de Cristino Castro.
9º - Alcino de Carvalho Guerra - Pós-mortem - 1º Prefeito eleito de Cristino Castro Comerciante.
10º - Airton Joaquim de Oliveira - Comerciante, industrial e ex-prefeito.
11º - José da Silva Martins - Agropecuarista, funcionário público, ex-prefeito.
12º - Humberto da Fonseca Benvindo - Agropecuarista, comerciante, ex-prefeito.
13º - Petrônio Martins Falcão - Agropecuarista, comerciante, ex-prefeito.
14º - João Francisco de Sousa Rocha - Pós-mortem - Agropecuarista, funcionário públicofederal,vereador por várias legislaturas e presidente da Câmara por várias vezes.
15º - Joaquim Oliveira Lima - Farmacêutico, agropecuarista, 1º e único vereador vivo da 1a.legislatura.
16º - Raimundo Pereira de Miranda - Político combativo e ex-vereador por várias legislaturas.
17º - Raimundo Martins de Sousa Santos - Médico, tendo prestado relevantes serviços àpopulação. Humanitário.
18º - CarméliaFelicio Guerra - Das primeiras professoras a lecionar no Município. Dedicada ecompetente.
19º - David Campos Lima - 1º Coletor estadual do Município, agropecuarista, comerciante,ex-vereador.
20º - Wilson Parente da Rocha Martins - Político, agropecuarista, industrial, ex-deputadoestadual, tendo instalado várias indústrias na cidade.

Por ocasião do recebimento das medalhas de honra ao mérito comemorativas do 1º Centenáriodo nascimento de Cristino Castro, a Professora Josefina Demes, 75, falou em nome dosagraciados, pronunciando, na ocasião um significativo discurso com evocativas passagens sobrea vida do homenageado, como segue:

"Embora ligeiramente adoentada, não poderia deixar de agradecer à ilustre família Castro, à qualme ligo por velha e profunda amizade, o gesto de tocante fidalguia com que ora me honra
agraciando-me insígne medalha que muito me enaltece e sensibiliza, porque evoca na suagrandez e representatividade e nos méritos que a inspiraram, a figura legendária de CristinoCastro, cidadão que se fez sepre lembrado pela sua postura moral, pelo seu idealismo semfronteiras e, sobretudo pelos rasgos de heroismo com que escreveu as páginas de sua gloriosa
epopéia.

"Até onde me acode a memória, recordo-o já próspero comerciante, estabelecido, sob a razãosocial de Cristino Castro & Irmão, à antiga Praça 14 de julho, hoje Sebastião Martins, guardandodele, a partir daí, excelentes recordação, que se reportam de modo particular à bondade e ao apreço com que aolongo de muitos anos distinguiu a família do comerciante sírio José Demes - meu pai - da qual sefez não um ocasional vizinho, mas um amigo respeitoso e dedicado. Por essa razão, aprendibem cedo, pelo exemplo espelhado no recesso do meu lar, a admirar-lhe as excepcionaisqualidades, avultando-se entre as muitas, a grandeza de espírito com que se conduziu frente àsbrutais surpresas que a vida lhe reservou.

"Acompanhei com vivo interesse - como de resto toda a sociedade de Floriano a suasurpreendente trajetória no campo comercial - sem sombra de dúvida rica de

valiosasexperiências e de marcantes acontecimentos. Acompanhei ainda os seus sucessos, os seusreveses bem como o seu doloroso drama ao testemunhar impotente a agonia de seus negócios.

"Este o Cristino Castro que eu conheci e que muito me marcou a infância como figura humanadas melhores.
"Sertanejo rijo de atitudes francas e decididas, inteligente e empreendedor, bem jovem ainda enveredou pela carreira comercial, fazendo do balcão a sua melhor escola,distinguindo-se pela sua larga visão e pelo excepcional desempenho.

"Sua casa comercial, uma das melhores, senão a melhor e a mais importante de sua época,
especializada na compra e venda de mercadorias nacionais e estrangeiras e na exportação de
nossos principais produtos regionais, administrada com operosidade e invulgar talento, figuravaentre as mais potentes e expressivas de todo o Estado do Piauí, com assinalados reflexos nosdemais estados vizinhos.

"O seu vertiginoso crescimento e a diversificação de suas tradicionais atividades levaram-na abuscar em outras regiões, novos mercados que, pela abundância de seus recursos naturaisfosse capaz de suprir a demanda de suas reais necessidades. Voltou Cristino Castro, então, assuas vistas para o fértil Vale do Gurguéia, e para viabilizar os seus ambiciosos sonhos não mediuesforços ou sacrifícios.

"Enfrentando dificuldades e vencendo desafios, qual um outro Mauá, de quem se fêz êmulo pelamesma identidade de propóstitos, rasgou caminhos, desbravou matas e conquistou chãos, alargando desse modo, os horizontes do nosso Estado, pela integração de vastasáreas até então dele praticamente isoladas.
.....

"As estradas ensolaradas e poeirentas fervilhavam de trabalhadores que, por ele custeados,conduziam ao povoado de Nova Lapa, então Município de Bom Jesus, uma éra de progresso, de
trabalho e de esperanças. Ali foram implantadas com invejável sucesso inúmeras atividades,
com especial destaque para as indústrias de beneficiamento de algodão e arroz a partir da
matéria prima em abundância naquela localidade e suas imediações.

"Paralelamente a essas, foram criadas dezenas de outras de menor porte, como loja de tecidos emiudezas, bar, fábrica de gelo, farmácia e usina elétrica que, somadas às primeiras seconstituiram num marco de capital importância para o desenvolvimento de toda aquela vasta
região.

"E não foi só.

"Vivendo-se já uma época marcada por sensíveis progressos no campo material, e não sendomais possível o emprego do animal decarga como meio de transporte, foram introduzidos no serviço da firma, para o tráfego regularentre Floriano e os centros

produtores, mais de uma dezena de veículos que muitas vezesenfileirados à frente do seu comércio maravilharam nossa então provinciana cidade.

"Tamanha prosperidade, contudo, não foi capaz de deter as crescentes dificuldades que nosúltimos tempos se avolumaram sobre a firma levando-a ao extremo de uma situação deprevisível colapso. Para contornar tal situação bateu-se Cristino Castro pela concessão de umamoratória que lhe permitisse sem traumas - saldar integralmente todos os seus compromissos.

"Lamentavelmente outra foi a solução dada ao caso no decorrer das discussões e contra a qual-por lhe parecer injusta e sobremaneira desonrosa - insurgiu-se ele com todas as suas forçasnuma luta tenaz, desesperada e comovente pelos seus lances dramáticos a que eu - por umdesses irônicos acasos assisti de perto...

"Vi-o bem à minha frente, digno, altivo e respeitável como sempre. De peito aberto, lutou alutados bravos, mas não venceu.

"Esmagado ao peso desses insucessos, triste e amargurado, fechou-se em si mesmo, nummutismo tão grande quanto o seu próprio sofrimento. Veio-lhe a doença e pouco depois a mortee o esquecimento de tudo.

"Hoje, porém - na evocação de sua saudosa memória - ao ensejo deste auspicioso evento quecelebra com as honras a que faz jus, o centenário de seu nascimento, aureolado pelo fascínioque emana de seus memoráveis feitos - pioneiros, audaciosos -, de largo alcance socioeconômicoe sobretudo saturados de sadio idealismo, ei-lo que desperta do seu profundo sonopara testemunhar comovido nestas maravilhosas festividades a demonstração de ternura filialque ora se lhe é tributada e pelo que, com justificado orgulho, só lhe coube então dizer:

FELIZ OPAI CUJOS FILHOS SABEM HONRAR-LHE A MEMÓRIA.

IV - Uma lição de vida - o depoimento dos contemporâneos sobre Cristino Castro

Dentre as pessoas que conheceram Cristino Castro e, de alguma forma, com ele serelacionaram em Floriano, onde iniciou os negócios, foi bem sucedido e um dos maisimportantesempresários da região, selecionamos os depoimentos transcritos, a seguir:

- Do professor Abilio Neiva de Souza, 78 anos, residente em Floriano, fiscal de Tributos Federais,aposentado, tendo sido também professor estadual. Trabalhou na firma do pai de Cristino,quando muito jovem e era irmão de Raimundo Neiva de Souza, gerente da filial de Nova Lapa,onde esteve em várias ocasiões. Para ele *"Cristino Castro foi um homem de muito descortinoque se adiantou ao seu tempo, um verdadeiro desbravador no pioneirismo com que avançou naconquista do sul do Estado do Piauí, cuja região do vale do Gurguéia tinha como de grandepotencialidade para o desenvolvimento da agricultura e pecuária. Era um homem que gostavadas coisas modernas: introduziu em Floriano os automóveis e muitos outros artigos importadospor sua loja de ferragens, inclusive o linho S-120 irlandês, louças, bebidas, tecidos e muitasoutras novidades. Em Floriano, participou de um vasto programa de realizações da Prefeituralocal, como membro do Conselho Municipal, destacando-se: a implantação da 1a. agência doBanco do Brasil S/A, calçamento de ruas, inauguração de um campo de aviação, instalação dausina Landri Sales, de beneficiamento de algodão e arroz, estradas vicinais, etc. Seguramente,depois dele não tivemos mais um homem com tão grande visão e sensível aos problemas*

dacomunidade. Foi uma pena ter adoecido e morrido cedo. Com ele vivo, a nossa região seria outracoisa".

- De Vicente Duarte Franco, 83 anos, ex-empregado da firma C. C. & Irmão e dos mais antigosfuncionários da loja em Floriano, onde ainda hoje reside. Disse ele: *"O Senhor Cristino era umhomem franco e positivo. Gostava de ajudar as pessoas, especialmente os que trabalhavam comele. Quando se falava com ele uma coisa e ele garantia, pronto. Estavafeito. Quando não, dizia na hora. Não enganava ninguém". Contou, então: "Trabalhei com váriaspessoas, nenhuma foi como ele. Certa vez, ocorreu o seguinte: eu ganhava 150 contos por mês.Casado, por motivo de doença em pessoa de minha família estava gastando mais, cerca de 200contos em dois meses seguidos. Preocupado, procurei-o. Quando falei sobre o assunto, ele foilogo dizendo: eu estou sabendo disso, Vicente. Você é um bom empregado, dedicado à empresae é conosco que deve se arranjar". "Nunca tive um patrão como ele".*

- Joaquim Pereira, vulgo Tunga, 79 anos, já falecido. Trabalhou doze anos, como carpinteiro. *"OSr. Cristino me ajudou a comprar a oficina com toda a ferramenta necessária. Depois trabalheicom ele, enquanto viveu, tanto em Floriano, como em Nova Lapa e Bom Jesus. O sr. Cristinoarranjou a minha vida. Nunca me faltou. Casei com uma afilhada dele, a Maria Olivia."Quando adoeceu, ajudei levar ele para o hospital em Teresina, onde morreu. Foi como se eutivesse perdido uma pessoa da minha família. Foi uma dor enorme", concluiu.*

- José Lustosa Elvas Filho, 87 anos, fazendeiro no município de Bom Jesus onde residia e foiprestigioso chefe político local. A respeito da presença da firma Cristino Castro & Irmão naquelacidade, disse o sr. José Elvas que *"o povo bonjesuênse recebeu com satisfação e logo emseguida sentiu os efeitos do grande desenvolvimento que chegava em toda a vida comercial eagrícola da região... Para ele, o que concorreu para o desastre da firma de Cristino Castro, alémda doençaque o acometeu, para tristeza nossa, foi a guerra mundial deflagrada e o colapso do comércio edo preço do algodão, principalmente por ele comercializado. Infelizmente, depois do desastrecomercial da firma de Cristino e de Agripino Castro, a nossa região praticamente estagnou".*

- Manoel Alves de Almeida, 87 anos, fazendeiro e pecuarista, residente em Floriano, ex-empregadoda firma C. C. & Irmão, como guarda-livros. Posteriormente, empregado chegando agerente da firma Roland Jacob, atuou como síndico da concordata convertida em liquidação daempresa Cristino Castro & Irmão, por ser o sr. Roland Jacob o credor majoritário do espólio emliquidação. Para Manoel Almeida, o *"sr. Cristino tinha uma visão de que o sul do Estado seria oceleiro da região. Naquele tempo o algodão e a compra de bois era o maior negócio, desde que aterra era muito boa para a criação. O tempo veio mostrar que ele tinha razão, embora a regiãoainda esteja longe de dar o que pode".*
"Como síndico da concordata, posso dizer que não vi qualquer desvio de recursos da firma edosseus proprietários, que ofereceram os seus bens particulares como garantia dos débitosexistentes. O insucesso na vida empresarial pode ocorrer com qualquer um. Ademais, ele entroupara uma região onde não havia transporte adequado e nem banco. O banco era o sr. RolandJacob".
Disse mais*: "a firma era muito bem organizada. Mantinha a escrita em dia. Graças a isso podeapresentar um inventário dos bens possuídos que impressionou os credorespela boa situação patrionial que possuia. Creio que, se houvesse sido levado à frente aconcordata, com pequena ajuda financeira para ultrapassar aquela dificuldade conjuntural, afirma teria se recuperado em pouco tempo, em razão do grande estoque de algodão que tinha eda*

reação dos preços que se verificou. Também a doença do sr. Cristino foi um ponto que nãoajudou neste caso", concluiu.

- O prestigioso e valente órgão de imprensa "O Jornal de Floriano", na sua edição de 29 dejaneiro de 1987, em longo e substancioso artigo de 1a.página, sob o título: "A Rodoviária e asTradições de Floriano", sustentou o seguinte: *"... Em todas as homenagens, sobreleva-se um*
preito de imorredoira gratidão pelo muito que os antepassados nos legaram e manifesta-se ao
nosso ser o reconhecimento pelo muito que representam para a nossa História. Se é certo que
recordar é viver, a homenagem que prestamos aos nossos maiores traz consigo a inefável e felizsignificação de reviver um pouco da História que o homenageado ajudou a construir... Dai o altosignificado que os nomes em ruas, praças e obras públicas representam para a comunidade, quevê neles um pouco de sua própria História e muito de suas tradições. Informa-se da Capital que,oficialmente, a Estação Rodovidária de Floriano será inaugurada no decurso do próximo mês defevereiro, com a presença do sr. governador do Estado... Noticiando o acontecimento, divulgou-seque a Rodoviária de Floriano receberia o nome do Sr. Miguel Arcoverde. Estranhamosdeveras, tal informação e não acreditamos que o sr. governador vá permitir que tal aconteça.Sabe ele que a sugestão está eivada de forte dose de bajulação, sem qualquer sentido depropósitos.
"Nada temos e nem poderíamos ter contra qualquer homenagem que se pretenda outorgar aogenitor do Sr. Dirceu Arcoverde, mas não em Floriano. Em Amarante, onde se radicou, sejustificaria plenamente, por se tratar do pai do governador que é amarantino,... Aqui, não, ...
Entretanto, Floriano possui nomes que justificam uma homenagem dessa natureza ou de maiorrelevância. Dai tomarmos a liberdade de sugerir a quem de direito e ao próprio governador – quesaberá entender a posição que temos a coragem de assumir - alguns nomes para a Rodovidáriade Floriano. Primeiramente, surge-nos o nome de Cristino Castro. Talvez tenha sido o maiorempresário e o mais extraordinário empreendedor que o Piauí já conheceu, cujas metasextravassaram os limites do seu tempo. Homem de rara visão e descortino, pretendeu construirum império econômico que transformaria Floriano, talvez, no maior centro industrial do Nordeste.
Quando Floriano desconhecia estradas, até mesmo carroçáveis, já possuia Cristino Castro, na
década de trinta, uma frota de doze caminhões, incomum em toda região nordestina. Foipraticamente o responsável pela vinda do Banco do Brasil para cá, ainda nos idos de 1937. Nãofoi compreendido pelos homens do seu tempo... Seu exemplo, contudo, está intimamenteligadoaos grandes empreendimentos de Floriano. Como se tanto não bastasse, lembramos ter sido elepai de um vice-governador do nosso Estado, Francisco Castro, florianense denascimento".

- Rafael da Fonseca Rocha - 71 anos, florianense, autor de interessante trabalho dereminiscências da sua infância na cidade, intitulado: "Floriano - de Tão Belas Recordações",editado em Brasília, 1995, dá o seu testemunho, à página 19, como segue: *"As administraçõesmunicipais continuavam progressistas e honradas, trazendo valiosos benefícios à cidade. Norte de Goiás (hoje Tocantins), sul do Pará e toda a imensa região sul do Maranhão ePiauí receberam influência do crescimento ordenado de Floriano. O nosso comércio acreditandono desenvolvimento da terra, tomou ritmo acelerado e poderosos grupos reescalonaram seusnegócios. Toda essa avantajada região que acolhia a influência de Floriano era freguesia certade rico e próspero mercado. O sr. Cristino Castro, empresário arrojado e empreendedor, dotadode visão ambiciosa e progressista, abriu novos caminhos rodoviários rumo ao sul do Estado,desviando para Floriano o comércio de uma vasta e fértil região, até então dominada pelosbaianos. O sr. Cristino*

Castro ofereceu, assim, novas fronteiras comerciais que começaram areceber prestígio e assistência de nossa cidade. Os caminhos convergiam para Floriano. Acidade continuava a se organizar e todos os sentidos. Chegamos a merecer votos de louvor doGoverno Federal pelo setor educacional, quando a nossa terra se evidenciou com o baixo índicede analfabetismo entre os demais municípios brasileiros".

- O Engenheiro Agrônomo Agostinho Reis, 73 anos, do INCRA, Administrador do Núcleo Colonialdo Gurguéia, criado pelo Presidente Juscelino Kubistcheck, em 1959, com objetivo de promovero desenvolvimento de um projeto de colonização federal do vale do Gurguéia, em emocionanterelato convertido e livro intitulado: "Gurguéia - o Vale da Esperança. A maior bacia artesiana doMundo", editado em Brasília, 1995, conta a história por ele "vivida, passo a passo, um dia depoisdo outro, com uma noite no meio", nos 12 anos de vida profissional em que esteve no vale doGurguéia, em Eliseu Martins. Como membro de uma comissão de técnicos que deveria opinarsobre a escolha do melhor local onde seria instalado o Núcleo Colonial Agostinho Reis escreve às páginas 39 do seu trabalho*"O Vale do Gurguéia de há muito era conhecido por possuir vastas extensões de terras indicadasa projetos decolonização. Na década de trinta, um empresário florianense - Cristino Castro -levou avantenaquela região um arrojado programa de desenvolvimento incentivando a cultura doalgodão, com o plantio de milhares de hectares dessa malvácea, o que proporcionou grandesurto de progresso com a instalação de usinas de beneficiamento, geração de energia elétrica,abertura de estradas vicinais e assentamento de centenas de novas famílias naquelas áreas.*
O empresário adquiriu mais de uma dezena de caminhões para o transporte do algodão até oporto de Floriano, onde era embarcado para todo o País. Lamentavelmente, todo aqueleimensoesforço não contou com a indispensável ajuda do poder público e diante da falta deestradas, daausência de financiamento adequados e do flagelo da malária, o grande pioneiro Cristino Castronão pode prosseguir em sua missão.
As sementes, por ele ali lançadas, deram lugar à criação de um dos mais prósperos municípiospiauiênses, que merecidamente recebeu o seu nome". (10)

V - Genealogia Familiar

Embora seja conhecida a origem do sobrenome Castro, desde os mais remotos tempos, naEspanha e Portugal, no século XIV, após as pesquisas realizadas não foi possível determinar quando e como os primeiros membros dessa família chegaram ao povoado de Pastos Bons, nointerior do Maranhão, seguindo dai para Porto Marimba, às margens do Rio Parnaiba, em cujolugar foi inaugurado o povoado Vila Nova, desmembrado de Pastos Bons, que depois, emrazãodo seu rápido progresso, passou a chamar-se Nova York, em 1890, por sugestão do norteamericanoEduard Burnett, ali residente, em homenagem à sua terra natal, nos EstadosUnidosda América. No entanto, pelo lado materno, a situação é bastante clara em relação aosascendentes de Cristino Castro e de sua mulher, Maria José Ferreira de Castro, quanto a saber-sede onde vieram e quando chegaram àquela região.

De acordo com o excelente trabalho inédito de pesquisa feito nos Cartórios e Arquivos deJerumenha, Floriano e Teresina, no Piauí, por Nilo Martins Ferreira, bancário, sobre a "ÁrvoreGenealógica" das Famílias Fonseca, Martins Gomes Ferreira e Ramificações, (11) recolhemos,na parte de nosso interesse, o que segue:

- Antonio Martins Gomes Ferreira, natural de Trás os Montes, Portugal, e sua mulher JosefaFerreira, emigraram para o Brasil no início do século passado, fixando residência em Ouricuri,
Pernambuco. Tiveram dois filhos:

1. - André Martins Gomes Ferreira - 1813
2. - Mamede Martins Gomes - 1814

De Ouricuri, os descendentes de Antonio Martins mudaram-se para Jerumenha, no sul do Piauí.

- Mamede Martins Gomes, nascido em 17/08/1814, faleceu em Teresina, 30/03/1900. Foi casadocom Clementina Dina da Fonseca, filha de Joaquim José da Fonseca e de Maria Madalena deSant'Anna. Desse consórcio nasceram nove filhos:

1. - Antonio João Gomes Ferreira
2. - Joaquim Martins Gomes
3. - João Martins Gomes
4. - José Martins Ferreira
5. - Jesuino Martins Gomes Ferreira
6. - Gil Martins Gomes Ferreira
7. - Gabriel Gomes Ferreira
8. - Umbelina Dina da Fonseca
9. - Domitila Josefina da Fonseca

- Joaquim Martins Gomes, nasceu em Jerumenha na fazenda da Sapucaia, em 1845, tendofalecido em 1902, em Floriano (PI). Foi casado em primeiras núpcias com Antonia Joaquina deJesus, falecida de parto em 1866, deixando uma filha de nome Antonia. Casou em segundanúpcias com Miquelina Josefina Ferreira, sua prima, filha de André Martins Gomes Ferreira,tendo mais sete filhos:

1. - Agesilau Martins Ferreira
2. - Almira Josefina Ferreira
3. - Ângela Josefina Ferreira
4. - Francisco Martins Gomes Ferreira
5. - Antonio Martins Gomes Ferreira
6. - Emidio Martins Gomes Ferreira

- Ângela Josefina Ferreira, nasceu em Jerumenha, em 1871, casada com José Martins FerreiraSobrinho, seu primo, tendo uma filha:

1. - Maria José Ferreira de Castro, nascida em Floriano (PI) aos 12/04/1901, casada comCristinoRaimundo de Castro, empresário, industrial e latifundiário, em 16/12/1916.

- Umbelina Dina da Fonseca (Bela), nascida na Fazenda Sapucaia, Jerumenha (PI), casada comRufino de Souza Dourado, comerciante e pecuarista, tendo quatro filhos:

- Teodolina de Souza Castro, casada com Francisco Raimundo de Castro, proprietário, criador ecomerciante, residente em Floriano (PI). Tiveram quatro filhos:

Raimundo Mamede de Castro, foi um dos maiores proprietários do Estado. Casou com ElvinaAlves de Castro. Não tiveram filhos. Adotaram os sobrinhos: Maria (Marica), Gentileza,Filadelfo eMagnólia.

Cristino Raimundo de Castro, industrial e comerciante, em Floriano (PI), foi casado com MariaJosé Ferreira de Castro, sua prima, com a qual teve os filhos: Alda, José, Maria Cristina,Francisco, Maria Enedina, Maria Augusta, Antonia, Pedro, Maria de Jesus, Maria Inês, Cristinofilho, Ângelo de Nazaré e Teresinha.

Agripino Raimundo de Castro, comerciante em Floriano (PI), casado com maria Alves Sobrinha,tiveram seis filhos: Maria de Lourdes, Maria do Carmo, Aristela, Ana Cândida, Pedro Gaudêncio eYolanda.

Luiz Raimundo de Castro, comerciante, ex-prefeito de Floriano, casado com Maria Ferreira daFonseca (Santinha). Tiveram cinco filhos: Erlinda Maria, Lais, Augusto José, Elvina e LinaJosefina.

Os descendentes de Cristino Raimundo de Castro e Maria José Ferreira de Castro, são osseguintes:

1. - Alda Ferreira de Castro, solteira, professora estadual aposentada, residente em FlorianoPI).
2. - José Ferreira de Castro, ex-funcionário da ECT e proprietário, residente em Bom Jesus (PI)onde foi vereador, casado com Clotildes Alves Noronha de Castro, professora estadualaposentada, ambos falecidos. Tiveram os filhos;

2.1. - Antonio Ivan Menezes de Castro, comerciante em Barra Mansa (RJ), casado com NadiadeAlmeida Castro, bancária, têm três filhas: Mariana, Camila e Ivana de Almeida Castro.
2.2. - Jacira Menezes de Castro, enfermeira, residente em Brasília (DF). Teve três filhos: JoséAntonio, Cyra e Shirley Menezes de Castro
2.3. - Ângela Noronha de Castro Rosal, professora estadual, casada com Valdecir Alves Rosal,contador, empresário de Bom Jesus, onde reside. Têm três filhos: Rosângela, Leandro eEvandro Noronha de Castro Rosal.
2.4. - Arabela Noronha de Castro Rocha, professora, casada com Almir Rocha, comerciante,residente em Teresina (PI). Têm três filhos: Lucas, Alana e Tiago Noronha de Castro Rocha.
2.5. - Almira Noronha de Castro Monte, médica oftalmologista, casada com Espedito NoronhaMonte, empresário, residente em Teresina (PI). Têm dois filhos: Alex e Lory Noronha de Castro
Montes.
2.6. - Augusta Maria Noronha de Castro, professora e empresária. Solteira. Reside em BomJesus (PI).

3. - Maria Cristina Ferreira de Castro, solteira, funcionária pública federal aposentada, residenteno Rio de Janeiro (RJ).

4. - Francisco Ferreira de Castro, advogado e professor universitário (UnB). Ex-vice-governadordo Piauí. Casado com Iracema de Costa e Silva de Castro, funcionária aposentada do SenadoFederal, residem em Brasília - DF. Têm três filhos:

4.1. - Maria Auxiliadora da Costa e Silva de Castro, psicóloga do Quadro do Ministério dasRelações Exteriores. Solteira, reside em Brasília.
4.2. - Rosa Luisa da Costa e Silva de Castro Ribeiro, bacharel em Direito, assessora do TribunalSuperior do Trabalho, casada com Paulo Mendonça Ribeiro, formado em

Administração deEmpresas, do quadro de pessoal da Telebrás. Residentes em Brasília. Têm dois filhos: Paula eAlexandre de Castro Ribeiro.
4.3. - Francisco Ferreira de Castro Filho, advogado.Solteiro. Reside em Brasília - DF.

5. - Maria Enedina de Castro Esmeraldo, professora estadual aposentada, residente em Floriano
(PI), casada com José Felizardo Esmeraldo, Fiscal federal aposentado do INSS. Tiveram quatrofilhos:
5.1. - Maria José Esmeraldo Rolim, do lar, casada com Ney Esmeraldo Rolim, bancário,residentes em Brasília - DF. Têm dois filhos: Diogo e Flávio Esmeraldo Rolim.
5.2. - Wilson de Castro Esmeraldo, engenheiro civil, casado com Lana Maria Noleto Esmeraldo,do lar, residentes em Floriano (PI). Têm três filhos: Wilson Filho, José Felizardo Neto e Karina.
5.3. - Ana Amélia Esmeraldo Godoy, economista, casada com Julius Garcia Godoy, Prof.DeEducação Física, residentes em Brasília - Têm dois filhos: José Godoy Neto e Juliana.
5.4. - Tânia Maria de Castro Esmeraldo, pedagoga. Solteira, residente em Brasília - DF.

6. - Maria Augusta Ferreira de Castro, bacharel em Direito. Funcionária pública federal do MEC,aposentada. Solteira, residente no Rio de Janeiro (RJ).

7. - Antonia Ferreira de Castro, professora estadual aposentada, residente em Floriano (PI),casada com José Vieira dos Santos, funcionário estadual. Têm uma filha: Silmara.

8. - Pedro Ferreira de Castro, empresário, casado com Maria José Rodrigues de Castro, do lar,residentes no Rio de Janeiro (RJ). Têm três filhas:
8.1. - Maria José de Castro Machado, engenheira civil, casada com Flávio Machado,Administrador de Empresas, residentes no Rio de Janeiro (RJ). Têm um filho: Pedro Henrique.
8.2. - Ana Terêsa Rodrigues de Castro, engenheira civil, casada com Marcelo Mousinho,empresário, residentes em Resende (RJ).
8.3. - Luciana Rodrigues de Castro, administrador de empresas, solteira, residente no Rio deJaneiro (RJ).

9. - Maria de Jesús Ferreira de Castro, funcionária pública federal aposentada do INSS. Solteira,residente no Rio de Janeiro (RJ).

10. - Maria Inês de Castro Rodrigues, funcionária estadual aposentada. Professora. Casou-secom Sebastião Rodrigues, Fiscal federal aposentado do INSS. Residem em Parnaiba (PI). Têmtrês filhos:
10.1 - Cristino José de Castro Rodrigues, engenheiro eletricista, casado com Ana BeatrizRodrigues, dentista, residentes em Teresina (PI). Têm um filho: Samuel.
10.2. - Sebastião de Castro Rodrigues, engenheiro químico, casado com Denize QueirozRodrigues, comerciante, residentes em Parnaiba (PI). Têm três filhos: Daniel, Matheus e Lucasde Queiroz Rodrigues.
10.3. - Conceição de Maria de Castro Rodrigues, empresária, casada com Marcelo Sávio,empresário, residentes em Parnaiba (PI). Não têm filhos.
10.4 - Cira Maria Menezes de Castro Rodrigues, estudante, musicista e cantora. Solteira. Resideem Parnaiba (PI).

11. - Cristino Castro Filho, empresário, residente em Barra Mansa (RJ). Casou-se em primeirasnúpcias com Lourdes Maria Polastri de Castro. Divorciado. Tiveram duas filhas:
11.1. - Cristiane Polastri de Castro Silva, do lar, casada com Cláudio Penedo Silva, empresário,residentes em Barra Mansa (RJ). Têm dois filhos: Cláudio e Júlia.

11.2. - Mariângela Polastri de Castro, empresária, solteira. Reside em Barra Mansa (RJ).
11.3. - Casou-se em segundas núpcias com Maria das GraçasRodrigues de Castro, tendo mais duas filhas: Ana Cláudia e Ana Cristina Rodrigues de Castro,universitárias.

12. - Ângelo de Nazareth Ferreira de Castro, solteiro. Reside no Rio de Janeiro (RJ).

13. - Teresinha Ferreira de Castro, do lar, residente em Campina Grande (PI). Foi casada comSeverino Fernandes Guerra, engenheiro civil do Banco do Nordeste, aposentado. Divorciado.Tiveram dois filhos: Lúcio Fábio e Érica Maria de Castro Guerra, universitários.

14. - Hilda de Castro Guimarães, do lar, falecida. Foi casada com Emidio José Guimarães,comerciante e proprietário, residente em Pastos Bons (MA). Tiveram quatro filhos: Teodolina,Heloisa Helena, Francisco e José Emídio de Castro Guimarães.

BIBLIOGRAFIA

01. - IBGE, Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XV, páginas 238 e seguintes.
02. - Porto, Carlos Eugênio, "Roteiro do Piauí", ed. Artenova, Rio, 2a.ed., 1974, pág. 39.
03. - Moog, Vianna, "Bandeirantes e Pioneiros", ed. Civilização Brasileira, Rio, 16a.ed., 1988,pág. 166.
04. Ribeiro, Darcy, "O Povo Brasileiro", ed. Companhia das Letras, SP, 1995, pág. 447.
05. - Rocha, Rafael da Fonseca, "Floriano ; de Tão Belas Recordações", Brasília, pág. 19.
06. - Fernandes, José Nunes, "Aspectos da Arquitetura de Floriano", Teresina, 1991, pág. 74.
07. - Bastos, Cláudio, "Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piau´", Teresina, 2994,pág. 224.
08. Ver Revista Super Interessante, Ano 6, nº 5, maio, 1994, págs. 49-50.
09. - As inforamções e dados utilizados nesta seção, na sua maioria, fazem parte de publicaçõesdo IBGE. Outras, foram fornecidas por órgãos da Administração Municipal.
10. - Reis, Agostinho, "Gurguéia - O Vale da Esperança", Brasiliana, 1995, págs. 39-40.
11. - Ferreira, Nilo Martins, "Árvore Genealógica - das famílias Fonseca, Martins Gomes Ferreirae Ramificações". Trabalho inédito, com cópias distribuídas aos parentes. Brasília, 1994.

O Autor.

FRANCISCO FERREIRA DE CASTRO, nasceu em 28/06/23, em Floriano-PI. É advogado,escritor, jornalista, Doutor em Direito. Aposentou-se como Sub-Procurador Geral do DistritoFederal e Professor da Universidade de Brasília, onde lecionou Direito Constitucional e CiênciaPolítica, no Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais.

Fez o primário no Grupo Escolar Agrônomo Parente, de Floriano, e o ginásio no Colégio Marista,em Fortaleza, onde diplomou-se Perito Contador pela Escola de Comércio Pe. Champagnat,sendo orador da turma. Cursou o pré-jurídico no Liceu do Ceará. Bacharelou-se em CiênciasJurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, em1948, tendo sido presidente do Centro Acadêmico Afonso Pena. Na época, participou ativamentede movimentos estudantis pela redemocratização do País.
De regresso à terra natal, exerceu a advocacia e o magistério secundário. Chamado à política,elegeu-se deputado estadual, 1950-54, tendo sido líder de bancada e presidente da Comissão deConstituição e Justiça. No desempenho do mandato, foi relator das proposições que seconverteram na "Lei Orgânica dos Municípios do Piauí", e no "Estatuto das Fazendas Estaduais",estas, antigas e importantes propriedades deixadas pelos Jesuítas e doadas pela União aoEstado. Eleito vice-governador (1954-58), exerceu as funções de presidente do Legislativopiauiense e o Governo do Estado. 1º Suplente de Deputado Federal (1958-62), com exercício.

Exerceu o jornalismo como editor e diretor-responsável dos jornais "Correio do Sul", de Floriano,"Estado do Piauí", em Teresina. Abandonando a política, ingressou no magistério superior, narecém-criada Universidade de Brasília, em 1962, e retornou à advocacia. Foi Assessor jurídico daPresidência da República, no Governo João Goulart. Ex-Presidente e membro nato do Conselhoda Ordem dos Advogados do Brasil, seção do DF. Membro do Conselho Federal da OAB, foirelator do Processo nº 2163/79, emitindo posição da OAB em favor da convocação de umaAssembléia Constituinte para redemocratização do País. Presidente e membro nato do Conselhodo Instituto dos Advogados do DF. Participou de bancas examinadoras de concursos de Juiz deDireito e do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Indicado pelo Supremo TribunalFederal, em lista tríplice de advogados, para o cargo de Juiz do Tribunal Superior Eleitoral, emvaga de Ministro suplente e efetivo. Candidatou-se ao Senado Federal nas eleições Constituintesde 1986, pela legenda do PTB, no Distrito Federal.

FERREIRA DE CASTRO tem vários trabalhos publicados e outros inéditos, sobre temas diversosde direito e de ciência política, além de artigos em jornais e periódicos, razões e pareceres.

Destacam-se dentre outros: "Estradas e Caminhos da Civilização no Piauí", 1956; "Dos Fins doEstado: principais doutrinas", Teresina, 1956; "A Campanha Eleitoral de 1958 no Piauí", in Rev.Bras. de Estudos Políticos, UMG, 1959; "Democracia Social", imp. Univ. do Ceará, 1960;"Modernização e Democracia: o desafio brasileiro", EBRASA, Brasília, 1969; "A Política dosObjetivos Nacionais na Constituição Brasileira", in Not. do Dir. Bras. UNB, 1971; "Aspectos doControle de Constitucionalidade das Leis pelo Judiciário", conferência, Itapetininga, S. Paulo,1972; "Terras do Distrito Federal: titularidade e discriminação de domínio. Dec. Lei nº 203/67",conferência, OAB/DF, 1968; "O Visconde de São Leopoldo e a criação dos Cursos Jurídicos doBrasil", Rev. do IADF, 1977; "Prof. Cláudio Pacheco

Brasil: advogado brilhante, jornalistapolêmico e renomado constitucionalista", saudação feita no IADF, 1980; "A Constituinte e o NovoPacto Social: história e doutrina", UnB, 1987; "O processo Constituinte de 1987: suasingularidade", UnB, 1987; "Emendas Populares: uma fecunda inovação legislativa", UnB, 1987;"Solução Pacífica de Controvérsias Internacionais. Estudo de caso: Canal de Beagle", UnB, 1988;"Sistema Interamericano - novos desafios à integração regional face á crescente globalização",UnB, 1988; "Gilberto Freyre - o Mestre de Apicucos - intérprete incomparável da nossa formaçãohistórica, social e antropológica", UnB, 1989; "Monarquia x República, Parlamentarismo xPresidencialismo: a grande opção", Jornal do Advogado, OAB-DF, 1993.

Foi incluído no "Who's Who in Brazil", 1972; "Deputados Brasileiros" - 1946-67 -, 1981; "OsPioneiros da Construção de Brasília", de José Adirson Vasconcellos; "Dicionário de Escritores deBrasília", de Napoleão Valadares, 1994; "Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí",de Cláudio Bastos, Teresina, 1994; "Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos osTempos", 2a.ed., Adrião Neto, Teresina, 1994; "Pioneiro na Advocacia do Distrito Federal", ABDF,1990; "Membro nato do Conselho Superior da Procuradoraia Geral do Distrito Federal, 1991;Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, 1995; Membro da "The PlanetarySociety" com sede em Pasadena, California, USA. Agraciado com o "Mérito Judiciário", doGoverno Brasileiro, comemorativa do Centenário de nascimento de Clovis Bevilaqua, 1959;Governo do Estado de São Paulo, por ocasião do 1º Congresso das Assembléias Legislativas doBrasil, SP, 1956; "Mérito Alvorada", Governo do Distrito Federal, 1970; "Sesquicentenário doSupremo Tribunal Federal, III FONAJUR, BSB, 1978; "Mérito Legislativo", comemorativa doSesquicentenário da criação do Poder Legislativo do Piauí, Teresina, 1985; "Mérito do Municípiode Cristino Castro", comemorativa do Centenário de nascimento do seu fundador, 1991.Em preparo: Democracia Brasileira: Realidade e Utopia.

Post Escriptum - Após a publicação deste livro, dentre outros foram recebidas as seguintes cartas:

Superior Tribunal de Justiça

Brasília, 28 de julho de 1997

Queridos Iracema e Ferreira de Castro,

Recebemos, com afetuosa dedicatória, um exemplar de "Cristino Castro".

Lemos, com imenso agrado, a biografia do grande homem que foi seu Pai.

O livro me deixou feliz, porque me apresentou um pioneiro; um nordestino que não se acomodou ao sofrimento, nem procurou transformar a seca, em fonte de riqueza. Pelo contrário, entrou na liça, abrindo mercados, espalhando a civilização, tornando seu povo mais feliz.

A saga de Cristino Castro, como aquela de Delmiro Gouvêa, deveria ser contada na televisão ou no cinema. Conhecer a vida de homens com tal qualidade é uma necessidade. Só assim, os brasileiros, superarão o recalque que os persegue, incutindo-lhes a sensação de que se encontram condenados ao perpétuo subdesenvolvimento.

Aceitem meus parabéns, pelo estilo gostoso e, sobretudo, pela grande figura de Cristino Castro. Ele foi um vencedor. Embora sua empresa tenha perecido, vitimada pelas conseqüências da guerra, o empreendimento que ele desenvolveu resultou vitorioso.

Um grande e agradecido abraço,

dos amigos

~~Humberto Gomes de Barros~~

TERESINA, 19 DE JUNHO DE 1997.

CARO AMIGO FRANCISCO FERREIRA DE CASTRO, SAÚDE E PAZ.

Recebi com grande prazer o belo "CRISTINO CASTRO". A sua leitura fez-me voltar aos idos das décadas de 30 e 40, quando o comércio de Floriano expandia-se levando um de seus integrantes, exatamente, seu venerando pai, ao pioneirismo, ao tempo em que fazia a penetração no feraz Vale do Gurguéia.

É um trabalho meritório por vários aspectos. Em primeiro lugar, a maneira interessante como foram colocados os fatos, dando-lhes colorido tão atraente. Em segundo, você, na qualidade de filho ilustre, propõe-se a resgatar com tanto brilho a memória de seu genitor o que, aliás, já era por mim esperado. O amigo destrinçou com zelo, amor e proficiência, a vida de um dos sertanejos mais arrojados de sua época. Fique, pois, na certeza de que, seu livro, está bem delineado e muito agradável. Para mim, não sei se por haver participado ainda jovem daquele movimento progressista de duas décadas referidas, confesso-me plenificado com todos os assuntos que foram por você abordados. "Laus Deo" por lhe haver proporcionado a palma desse edificante desempenho.

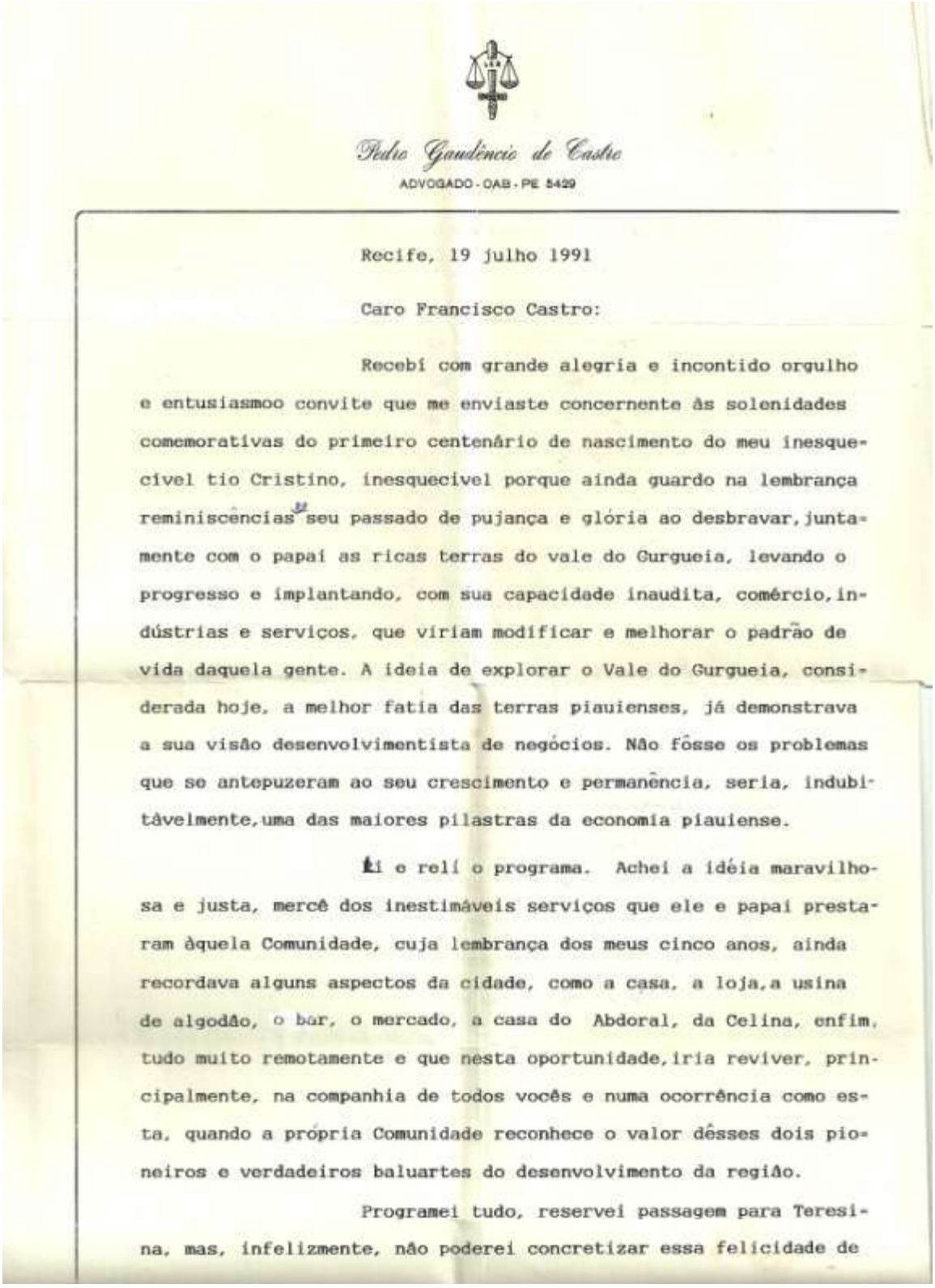
Pois bem, meu caro amigo, seu livro veio fazer esse tão precioso resgate. E mais, trata ele de aspectos das duas regiões enfocadas o que, aliás, o faz com esmero e sem leviandade. Por outro lado, ateve-se com dignidade dentro do emocionante relato, suas origens tão envaidecedoiras, por assim se expressar, catalogou dados para outro livro que, no caso, seria um tratado genealógico.

Bela e cativante epopéia que o amigo, justamente, conseguiu produzir. Meus aplausos, você supriu a grande lacuna que os nossos historiógrafos, injustificadamente, deixaram de lado, sem o necessário registro.

PARABÉNS!

Cordialmente, o velho amigo

WILLIAM PALHA DIAS



Pedro Gaudêncio de Castro

ADVOGADO - OAB - PE 5429

Recife, 19 julho 1991

Caro Francisco Castro:

Recebí com grande alegria e incontido orgulho e entusiasmoo convite que me enviaste concernente às solenidades comemorativas do primeiro centenário de nascimento do meu inesquecível tio Cristino, inesquecivel porque ainda guardo na lembrança reminiscências seu passado de pujança e glória ao desbravar, juntamente com o papai as ricas terras do vale do Gurgueia, levando o progresso e implantando, com sua capacidade inaudita, comércio, indústrias e serviços, que viriam modificar e melhorar o padrão de vida daquela gente. A ideia de explorar o Vale do Gurgueia, considerada hoje, a melhor fatia das terras piauienses, já demonstrava a sua visão desenvolvimentista de negócios. Não fôsse os problemas que se antepuzeram ao seu crescimento e permanência, seria, indubitàvelmente, uma das maiores pilastras da economia piauiense.

Li e relí o programa. Achei a idéia maravilhosa e justa, mercê dos inestimáveis serviços que ele e papai prestaram àquela Comunidade, cuja lembrança dos meus cinco anos, ainda recordava alguns aspectos da cidade, como a casa, a loja, a usina de algodão, o bar, o mercado, a casa do Abdoral, da Celina, enfim, tudo muito remotamente e que nesta oportunidade, iria reviver, principalmente, na companhia de todos vocês e numa ocorrência como esta, quando a própria Comunidade reconhece o valor dêsses dois pioneiros e verdadeiros baluartes do desenvolvimento da região.

Programei tudo, reservei passagem para Teresina, mas, infelizmente, não poderei concretizar essa felicidade de

Pedro Gaudêncio de Castro
ADVOGADO - OAB - PE 5429

participar juntamente com você, Cristino, Pedro Ferreira, Alda, Maria Cristina, Maria Enedina, Maria Augusta, Maria Inez, Maria de Jesús, Teresinha, Antonieta e seus familiares, num encontro inesquecível e grandioso. A minha presença completaria o quadro. É pena, mas é impossível sair daqui agora, mercê das obrigações inerentes ao meu serviço. De coração, estarei presente a todos os atos comemorativos do grande evento.

Transmita a todos o meu abraço e a certeza de que ficarei vibrando para que tudo saia bem.

Abrace a Iracema e seus filhos. Aceite de Maria Julia e minhas filhas os nossos cumprimentos.

Do parente e amigo,

Pedro Gaudencio de Castro.

081-325.5307
081-2248255
Fax-081-4242733
Telex-081-1690

Teresina, 26 de junho de 1997.

F. Ferreira de Castro

Prezado sobrinho e amigo,

Em mãos o livro de sua autoria, dedicado a memória de seu pai Cristino Castro, que gentilmente me enviou.

Fui me emocionado a medida que ia lendo as páginas que retratam tão fielmente a vida de luta de um homem que tal qual um bandeirante, se firmou numa região insalubre para tentar promove-la através de desafios que só a disposição de um pioneiro que se adiantou no tempo consegue vislumbrar.

Vi desfilar na minha memória todos os acontecimentos que vivi desde o meu casamento com o Luís em 1934 e o que me foi relatado a respeito da história da família antes daquela época.

A vida com todos os seus reveses fez de Cristino um imortal.

Este livro completa as merecidas homenagens feitas a seu pai registrando para as gerações futuras a história da região. Parabéns.

Agradeço a lembrança e a amável dedicatória.

Um grande e afetuoso abraço extensivo a Iracema e filhos.

Da tia e amiga

Santinha Castro

Santinha Castro
(Maria Fonseca de Castro)